

ANEXO V

Matriz de Análise de Conteúdo das Entrevistas de Episódio em Profundidade: Relatos de Vida

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO/UNIDADES DE CONTEXTO	INFERÊNCIAS/PISTAS
Relações Familiares e Contexto Socioeconómico	Relações Familiares	Origens familiares e locais de pertença	<p>E1 – (...)o meu trajeto foi sempre feito em Lisboa, nasço e vivo, até agora, sempre em Lisboa, e, e faço o Liceu todo, interrompido pela tropa e pela guerra(...)</p> <p>E1- (...)a minha mãe já tinha nascido em Lisboa, o meu pai nasceu na província, nasceu no Ribatejo, embora a família da minha mãe também era oriunda do Ribatejo(...)</p> <p>E2- Nasci em Lagoa(...) Os meus pais e os meus avós são todos naturais de Lagoa(...)</p> <p>E3 – Os meus pais são transmontanos (...)fui criada em Angola, Huambo, uma terriola a sessenta quilómetros da cidade(...)</p> <p>E3- O Magistério é que tirei em Benguela, e aí já foi um descobrir da vida(...)</p> <p>E4 – (...)a minha mãe viveu na Espanha, fugiu para Portugal quando foi a guerra de Espanha.(...) Depois a minha mãe foi viver ali para a zona do Seixal(...)</p>	<p><i>Experiências de mobilidade interna e de emigração e ou serviço militar na ex-colónias portuguesas em África, bem como a imigração devido à guerra civil de Espanha, que constituem o contexto histórico da infância e juventude dos entrevistados e entrevistadas corresponde a trajetórias de vidas diferenciadas.</i></p> <p><i>Apenas um entrevistado é natural de Lagoa, outro é de Lisboa, outra é natural de Seixal - Almada e uma outra de Angola, o que pressupõe que no concelho de Lagoa no Algarve é um pólo de atração para a fixação de residência de pessoas de diferentes naturalidades e origens.</i></p> <p><i>Será que um menor sentimento de pertença ao concelho de Lagoa, por origens diferenciadas (vide análise estatística descritiva), dificulta a capacidade de mobilização de recursos individuais e da comunidade facilitadores de um processo de envelhecimento ativo preconizado pela União Europeia?</i></p>
		Contexto da família construída	<p>E4 – (...) sou casada, há quaren/, vai fazer, fez no dia vinte e sete de junho quarenta e seis anos, com o meu marido que está muito doente, está ali, chama-se M₁, tenho duas filhas, vivem, e tenho seis netos, estão</p>	<p><i>Verifica-se que os adultos mais velhos têm essencialmente uma dimensão familiar reduzida, vivência a só ou em casal (vide análise estatística descritiva)</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>todos a viver na Alemanha(...)</p> <p>E1 – É que mudamos de armas e bagagem para cá. Agora lá em cima, a única pessoa que tem casa é o meu filho, a minha sogra está aí, temporariamente e tem a minha mãe, que tem noventa anos, está na cama, a minha mulher é que a limpa e que a lava (...)</p> <p>E2 - Já estava casado, já tinha a minha filha mais velha, entretanto nasceu a ((filha mais nova)) depois.</p> <p>E2 – (...) pois tenho uma casa relativamente grande enorme já para mim e para a minha mulher, quando tinha raparigas em casa, tudo bem, agora já não estão (...)</p> <p>E3 – Sim, o meu irmão mora aqui... duas ruas ali abaixo, na volta conhece e a minha irmã era professora em Silves e está em Silves, a minha cunhada também era professora aqui na Jacinto Correia, a doutora. AR, () na Câmara de Silves os jardins, reformados, estamos todos reformados. E... depois tenho aquela canalha toda ((mostra as fotografias espalhadas pela sala)) Filha, é a do meio, esta aqui, o resto é tudo sobrinhos.... Família é o que não falta(...)</p> <p>E3 – A minha mãe também só saiu de casa há três anos, não é, estive aqui trancada com ela, vivi com ela três anos, mas assim trancada, sem poder sair, só podia sair se alguém fizesse o favor de aqui vir, ficar um bocadinho com ela... (ham)... cinco anos (...)</p>	<p><i>Denota-se a vivência em casal de dois entrevistados embora com referências contantes aos filhos e a um ascendente, vivência a só de outra entrevistada que viveu com a mãe até há três anos atrás e um outro casal com ambos os ascendentes a coabitar, embora um deles em situação temporária.</i></p> <p><i>Denota-se que considera que o atual contexto familiar do casal não se coaduna com o tipo de habitação que têm, demasiado grande.</i></p> <p><i>Será que a dimensão do agregado familiar destes adultos mais velhos só aumenta quando assumem a função de cuidadores, normalmente são os ascendentes e em situação de dependência como foi o caso do E1 e da E3?</i></p> <p><i>Viveu com a mãe dependente até há três anos atrás o que condicionou totalmente a sua própria autonomia.</i></p>
		<p>Relacionament o Familiar</p>	<p>E4 – (...)porque eu não tenho as minhas filhas, elas não podem vir e a minha filha mais velha está numa cadeira de rodas(...)</p>	<p><i>Nota-se uma desvinculação familiar, os filhos autonomizam-se e os adultos mais velhos desenvolvem percursos mais solitários no processo de transição para a reforma.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E4 – Tem vindo os meus netos, os meus genros, ainda em Abril esteve, o meu neto está junto com uma moça já e vieram quinze dias passar com a gente que eu fiquei muito contente porque eles são moços novos e a gente fica feliz quando é assim, e agora vem a minha filha(...)</p> <p>E3 – (...) para reunir as tropas e a família, que a união faz a força(...) quando cheguei a Portugal, para além de casar, resolvi ser mãe. Tenho uma filha com trinta e sete anos, faz agora em julho (...)</p> <p>E3 – (...) no meu núcleo familiar, a família era muito importante e a partilha era obrigatória e fundamental em casa, não se permitia grandes espaços à individualidade por si (...)</p> <p>E2 – (...) foi um ano em praticamente acho que nem fui à praia, era sábados, era domingos e levamos ali o tempo todo e depois, a arrumar isto e arrumar aquilo, a tentar colocar...(...)</p> <p>E2 - Trabalhei durante onze anos como empregado de mesa num restaurante em Carvoeiro à complicado, ou seja, altura que eu estava a fazer a casa (...) às sete da manhã, passava por ali arrumava o ferro () ia para Silves, vinha, à tarde ia trabalhar para o restaurante até à uma, duas da manhã, às sete ia para Silves (...)</p> <p>E2 – Que é professora (...) já há dois anos e a professora que lhe orientou o mestrado na Universidade do Algarve, convidou-a para fazer parte do grupo científico(...)</p>	<p><i>Os filhos e netos estão longe, embora mantenham um contacto regular e permanente com a entrevistada e continuem emigrados e a viver na Alemanha.</i></p> <p><i>Será que um relacionamento familiar mais próximo e a sua valorização, facilita a transição para a reforma e a assunção do envelhecimento de forma mais positiva?</i></p> <p><i>Denota-se grande vinculação familiar, assumindo mesmo que a identidade familiar se sobrepõe à identidade pessoal.</i></p> <p><i>A desvinculação familiar a favor do investimento na atividade profissional para a melhoria das condições económicas, dificultando o processo subjetivo de transição para a reforma?</i></p> <p><i>Chegou a ter dois trabalhos ao mesmo tempo para garantir melhores condições socioeconómicas para a família e construir a casa onde habita atualmente e que considera demasiado grande só para o casal.</i></p> <p><i>Valoriza o percurso escolar e profissional das filhas, Revê-se a ele próprio no sucesso das filhas, como compensação pelo seu esforço em garantir melhores condições socioeconómicas à família?</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>E2 – (...) na vida escolar foram sempre acompanhadas por mim que a minha mulher nunca pôs o pé numa escola.(...) no nono ano já ela dizia... ou serviço social ou psicologia(...)</p> <p>E2 – (...)está para concluir o mestrado, está também a trabalhar na tese, parece-me que é isso, mas pronto.(...)</p> <p>E2 – A família (ham) () que eu não faço nada, percebe, é, pronto, aquele escape “Não faz nada e eu ando a trabalhar e tal”, pronto, não faço, paciência, é assim. Às vezes é um bocadinho desmotivador, é, mas eu também percebo que a reação é normal...(…)</p> <p>E2-(...) que tenho uma filha que me apoia muito, percebe (...)</p> <p>E2-(...) a ((filha)) apoia-me “Fazes bem, pai, para ocupar o tempo, não sei o quê, isto aqui...”</p> <p>E2 – Nunca tive com ela ((a mãe)) a meu cargo. Houve uma altura quando o meu pai faleceu, ela foi-se muito abaixo, ainda pensei que isto agora é dois em um, ainda fiquei ali em casa um mês, praticamente... mas agora não, ela também não tinha condições para estar sozinha e eu não tinha condições para dormir ali e depois ir para casa (...)</p> <p>E1- (...)viajei alguma coisa nessa altura, com familiares meus(...)</p> <p>E1 - (...)como sabe os meus filhos estão fora, é difícil juntá-los todos aqui, todos, são só dois, não é, mas juntar a família toda aqui é um bocado difícil, juntamo-nos talvez uma vez por ano, durante uma semana no máximo (...)</p>	<p><i>Por estar ligado profissionalmente ao setor da educação, apesar de estar mais ausente do quotidiano da família, fez questão de acompanhar formalmente as filhas no percurso escolar e escolha profissional.</i></p> <p><i>Se houver uma valorização negativa da inatividade associada à reforma por parte da família, dificulta o processo de transição da vida ativa para a reforma? O contexto familiar condiciona o processo de transição para reforma.</i></p> <p><i>Porque E2 não assumiu a função de cuidador ou acolheu a mãe em sua casa? Por razões associadas ao facto da esposa manter-se ativa profissionalmente ou porque o género é preponderante na função de cuidador, normalmente associado à mulher?</i></p> <p><i>A atividade profissional impede a possibilidade de desenvolver relações familiares mais próximas?</i></p> <p><i>O envelhecimento está associado a uma desvinculação familiar, principalmente em relação à família e os filhos que se autonomizam?</i></p>
--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Relacionamen- to Conjugal</p>	<p>E1 – (...)eu venho cá, a meio do meu tempo de, caso e levo a minha mulher para lá(...) Dá-se o 25 de abril, não é, pois não, entretanto dá-se o 25 de abril, a minha mulher já foi para lá em setembro de 74 e em setembro é que levei para lá.(...)</p> <p>E1 – Eu, sinceramente, tudo o que faço, conto sempre com ela ((a esposa)) embora com interesses diferentes que a ela, se calhar interessa-lhe outras coisas (...)</p> <p>E2- É normal que ela sinta... se calhar gostaria de estar em casa, mas ainda bem que não está, isso é uma chatice, não é, mas pronto, percebe, porque, de experiência que tenho de casais amigos que já estão em casa, é uma chatice, é uma chatice a todos os níveis, a todos os níveis.(...)</p> <p>E2-(...) às vezes a mulher “Não ganha nada, e não sei quê” Está a ver, aquele despique, “Não ganha nada, trabalha à borla, toda a vida trabalhou à borla, e não sei o quê” (...)</p> <p>E4 - Nós é que casamos assim, como estou a dizer, os anos já fiz quarenta e seis anos de casada no dia vinte e sete de junho, mas casada, com quarenta e seis com mais três, quarenta e nove, também é o meu marido, não há outro, pronto e nós somos, da minha época (...)</p> <p>E4- (...) no casamento também não fui muito feliz, mas pronto mas a coisa resolveu-se.(...)</p>	<p><i>Um relacionamento conjugal mais próximo facilita o processo de transição da vida ativa para a reforma, apesar de interesses diferentes, compensa as perdas associadas ao envelhecimento.</i></p> <p><i>O facto de um dos elementos do casal permanecer ativo pode provocar, momentos de maior tensão e conflito, do que se tiverem ambos sem atividade profissional? Reforça o estigma de inutilidade associado à reforma, possivelmente mais débil quando as circunstâncias económicas pioram face ao corte das pensões de reforma?</i></p> <p><i>Denota-se uma analogia à inutilidade e não produtividade depois da reforma por parte da esposa, será por ela permanecer ativa e a contribuir? O relacionamento conjugal também sofre alterações após a reforma, será mais difícil encetar uma convivência diária com novas rotinas se ambos estiverem reformado ou favorece antes a participação em atividades na comunidade por se encontrarem ambos mais disponíveis?</i></p> <p><i>Apesar de não ter sido muito feliz no casamento, dá muito valor ao compromisso assumido. No entanto participa em diversas atividades mesmo sem o marido. Será que se tivessem outro tipo de relação ela participaria tanto, considerando o estado de saúde do marido.</i></p>
--	--	---	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

	<p>Contexto Social</p>	<p>Apoio e Suporte Familiar</p>	<p>E4 – (...) meu marido que está muito doente, está ali, chama-se M₁, tenho duas filhas, vivem, e tenho seis netos, estão todos a viver na Alemanha (...)</p> <p>E4 – Quando não poder eu vou ter que pedir ajuda, porque eu não tenho aqui ninguém e vamos ver o que é que eu vou fazer(...)</p> <p>E4- (...) porque eu na Alemanha trabalhava doze horas por dia. E sábado sempre cinco horas, que era das sete ao meio dia, mas isso foram anos, sempre, tive duas crianças, duas filhas, também andavam na creche, escola e eu quando chegava ao sábado, ao domingo eu tinha tudo feito na minha casa(...)</p> <p>E4 - queria vir montar a firma para o norte, que eu é que punha ela à frente e depois no lugar de estar a dar trabalho aos alemães, chegava cá, fazia a publicidade e eu é que metia os portugueses mas depois eu não quis. É uma responsabilidade muito grande. (...) Não vieram não, então quem fazia o trabalho era eu, não vim e pronto. Porque eu é que estava à frente do serviço, (...), já viu eu estar a vir, ele ficava na Alemanha, não digo que não viesse a Portugal também, e eu é que era a responsável dessa firma. Não era minha, mas era como se fosse minha (...)</p> <p>E4 - (...) vá lá, eles queriam ali do lado do norte, agora veja, era como se fosse emigrar, na mesma, uma casa para mim , era a firma, tudo, mas eu é que tinha que por as pessoas, ver o trabalho, o que dava, o que não dava, já viu a responsabilidade? Eu não quis.(...) eu como não quis, já viu eu estar a vir, ele ficava na</p>	<p><i>A separação familiar dos filhos resultante da mudança de alojamento aquando a reforma, provoca mais insegurança relativamente ao processo de envelhecimento, principalmente no que diz respeito às perdas em saúde.</i></p> <p><i>Considera que na reforma deveria compensar as filhas no tempo que abdicou durante o período da atividade profissional.</i></p> <p><i>O facto de ter tido uma atividade profissional muito ativa, com longas jornadas de trabalho influencia a necessidade de se envolver em diversas atividades depois da reforma?</i></p> <p><i>A valorização do percurso profissional , refletindo que terminou de forma inesperada a atividade profissional porque o marido se reformou primeiro e quis regressar a Portugal, e a entrevistada continuava a sentir-se capacitada para trabalhar assumindo um cargo de responsabilidade.</i></p> <p><i>A forte identidade profissional construída com esforço ao longo da trajetória de vida, interrompida por sentir necessidade de apoiar o marido. Dificultará desta forma a transição para a reforma, quando esta foi impulsionada antes de sentir necessidade de se retirar da vida ativa?</i></p>
--	-------------------------------	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>Alemanha, não digo que não viesse a Portugal também, e eu é que era a responsável dessa firma.</p> <p>E2 – (...) A ((filha)) nasceu, eu fui efetivado para Almada, a ((filha)) nasce a catorze de agosto e em setembro de oitenta e cinco fui para Almada.(...)</p> <p>E2 – (...) a minha filha mais velha cresceu e eu não dei por isso. Ou seja, e isso, ainda hoje eu estou a pagar isso caro, a sério.(...)</p> <p>E2 – (...) ela cresceu, foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, mas quer dizer, nunca estive com ela... pronto... aquele tempo que os pais necessitam, para acarinhá-la, para apoiar, nunca, nunca porque a minha vida eram sábados, domingos, dia e noite (...)</p> <p>E2 – (...) às vezes a minha relação com ela ainda não é a melhor (...) mas senti (ham) ainda hoje, a minha relação com ela, às vezes é.... Não é preciso muito para as coisas se crisparem, percebe? (...)</p> <p>E1 – (...)os meus filhos é que me incentivaram mais também para isto “ Ó pai, vais lá para baixo, vocês estão lá em baixo, estão bem, não tem problemas, têm carro, se quiserem vir cá acima vêm e tal” (...)</p>	<p><i>O suporte familiar é muito importante no processo de envelhecimento.</i></p> <p><i>Verifica-se uma maior desvinculação familiar e um menor suporte, quando a valorização profissional é muito importante para o sujeito, será pelo estatuto social que está associado à profissão desempenhada?</i></p> <p><i>A forte vinculação e valorização profissional condicionam a disponibilidade de prestar apoio/accompanhamento familiar, associado a uma perda no processo de otimização das escolhas, condicionado pelo contexto cultural e social do sujeito.</i></p> <p><i>Importância do envolvimento familiar/suporte dos filhos e cônjuge na decisão em se reformar e respetivas mudanças associadas? O apoio e suporte dos filhos foi mobilizador aquando a opção de mudança de residência na transição a reforma, na busca de uma melhor qualidade de vida.</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Contexto socioeconómico</p>	<p>E1 – Isso não é a mediocridade da minha vida porque felizmente nunca me faltou assim nada(...)</p> <p>E2 – (...)meu pai, portanto () portanto, estava numa profissão virada para a agricultura...(...)</p> <p>E2- Os meus pais, na altura, não tinham poder económico para eu continuar a estudar(...)</p> <p>E3 – Em África os meus pais tinham lojas de comércio, daquela, daquele comércio do interior, que vende tudo (...)</p> <p>E3- (...)a minha mãe, inicialmente criou os filhos, depois fomos todos para os colégios e colaborava com o meu pai, embora tivéssemos empregados na loja, brancos, brancos porque criados pretos tínhamos, todos nós tínhamos lá lavadeiras, cozinheiros, os criados e tudo isso, a casa era grande, um grande quintal(...)</p> <p>E3 – (...) porque de facto eles viviam bem, tiveram muito, vieram também sem nada mas deram formação, instrução, educação aos filhos (...)</p> <p>E3- (...) quando cheguei de África vim com uma mão à frente e outra atrás, até a mala que trouxe dos vinte quilos a roupa não era minha, no fundo o segundo par de cuecas, quando fui mudar, já não era meu ((gargalhadas)) mas, e aí sim, foi muito difícil, era um outro país, um outro mundo, muitas dificuldades, nasceu a bebé, eu não tinha realmente meios, grandes</p>	<p><i>Contexto socioeconómico mais desfavorecido, menor valorização do percurso educativo? O contexto socioeconómico da família de origem pode condicionar ou não o percurso profissional e a valorização do estatuto social concedido à profissão, dificultando a transição para a reforma?</i></p> <p><i>Pelo contrário um contexto socioeconómico mais favorecido valoriza a educação e facilita o processo de transição para a reforma?</i></p> <p><i>Refere um contexto difícil quando regressou a Portugal vinda de África, onde viveu com melhores condições e afirma ter tido capacidade para ultrapassar esses constrangimentos mesmo ao nível profissional, de um contexto histórico e social mais difícil que foi o retorno a Portuga após a independência da ex-colónias e pós período ditadurial. Refere igualmente a dificuldade em receber o seu ordenado proveniente da profissão que exercia como Professora, porque</i></p>
--	--	---------------------------------------	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>meios de subsistência, nessa altura também houve greves de braços caídos, tive muitas vezes na escola, com moços e ao fim do dia sem assinar o ponto, sequer para garantir o ordenado ao final do mês (...)</p> <p>E3- (...) para conseguir pagar a renda da casa no dia a seguir e realmente as finanças estavam sem dinheiro, acho que foi um banco que emprestou e lá vim com uns tostões para casa para não ser posta na rua (ham) (...)</p> <p>E3 – (...) com muitas dificuldades, eu não tinha as mudas de roupa que os meus netos têm, eu não as tive para a minha filha, eu não tive as facilidades que os meus netos têm para criar a minha filha (...)</p> <p>E3 – Porque para a minha sobrevivência ainda tenho, não sei se terei até ao fim, mas ainda tenho (...)</p> <p>E4 – (...) o meu pai trabalhava nas obras, a minha mãe lavava a roupa a um x por peças, pronto, a homens que não tinham as esposas e foi, ia vivendo assim (...)</p> <p>E4- (...)para não tirar nada às minhas irmãs e à minha mãe, eu levava um bocadinho de pão, e às vezes não havia margarina na altura, não era margarina, era pão(...)</p> <p>E4 – (...) na altura não havia máquinas de lavar, era a mais velhinha, a minha mãe trabalhava, tinha que lavar ao tanque, estava a lavar ao tanque e as mãos a correr sangue e se não lavasse levava porrada(...)</p>	<p><i>o contexto do país também era de crise.</i></p> <p><i>Acaba por refletir que o facto de ter de apoiar socioeconomicamente a filha lhe pode condicionar o seu futuro, consciencializando-se que no sue contexto criou também com dificuldades e menos recursos a filha do que atualmente onde as exigências/o consumismo é muito vincado e condiciona economicamente a trajetória de vida das pessoas.</i></p> <p><i>As dificuldades quotidianas associadas ao contexto socioeconómico da família de origem impelem à criatividade na ação e uma maior capacidade de ultrapassar os constrangimentos, as perdas associadas ao processo de envelhecimento bem sucedido?</i></p> <p><i>Começou a trabalhar muito cedo e tinha de assumir tarefas pesadas que a desgastavam fisicamente face a um contexto socioeconómico desfavorável.</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

<p>Identidade Pessoal e Social</p>	<p>Percursos Educativo e Profissional</p>	<p>Contexto educacional</p>	<p>E1 – O meu pai sempre foi um indivíduo, sem muita instrução, mas dado à leitura, gostava bastante de ler, de se informar, e tudo(...)</p> <p>E1 – (...)o percurso, faço a escola primária num colégio particular, depois vou para o Liceu, em Lisboa(...)</p> <p>E1 – (...)não tinha feito a admissão á faculdade, se tivesse feito admissão à faculdade davam-me espera, fazia mais um ano e tal, como não tinha o sétimo acabado fui logo para a tropa.(...)</p> <p>E1 – (...)volto a estudar depois do nascimento do primeiro filho, da primeira filha, acabei o sétimo e simultaneamente fazer o () na altura que é o décimo segundo hoje...(...)</p> <p>E1 – (...)entretanto a vida complica-se, negócios e pronto, tudo se encaminha de outras maneiras e entretanto o raciocínio, é “ se eu for para a faculdade não ganho nada(...)</p> <p>E1 – (...)sempre considereei que podia enriquecer, mais no aspeto cultural(...)</p> <p>E2 – Os meus pais, na altura, não tinham poder económico para eu continuar a estudar(...)</p> <p>E2 – (...)o meu pai, portanto () portanto, estava numa profissão virada para a agricultura... e eu, a certa altura, por influência do meu pai e da vida que passava ali, nomeadamente na altura da vindima, passei a tirar um curso agrícola.(...)</p> <p>E2 – (...)o meu pai pôs-me a questão que não conseguia suportar lá os dois e eu fui trabalhar e fui estudar à noite(...)</p> <p style="text-align: center;">374</p> <p>E2- (...) eu comecei a estudar em Silves, na Escola Comercial e Industrial(...)</p>	<p><i>A valorização da educação pela família e um contexto socioeconómico favorecido valoriza a educação e incentiva a uma maior escolaridade?</i></p> <p><i>O contexto familiar, p. ex. o nascimento dos filhos e a necessidade de garantir a continuidade do negócio de família, dificultou a continuidade dos estudos e o acesso a uma maior escolaridade do sujeito, embora o desejasse e valorize a educação e o desenvolvimento cultural.</i></p> <p><i>O contexto socioeconómico da família de origem mais desfavorecido pode ser uma condicionante para uma menor escolaridade dos adultos mais velhos ou pelo contrário, motivador e mobilizador de obtenção de uma maior escolaridade?</i></p> <p><i>A família de origem condiciona as escolhas profissionais, mas será que foi a sua capacidade de agency que o impulsionou a buscar/desenvolver outros interesses profissionais?</i></p>
---	--	------------------------------------	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Percurso Profissional</p>	<p>E2 – (...) e que perdi ano e meio da vida a ir para Lisboa aos fins-de-semana e feriados e às vezes era quintas, sextas, sábados, pronto, gastei uma quantidade de dinheiro () gastei uma quantidade de dinheiro, mas pronto, era uma formação específica que hoje, hoje é base para se ser Diretor do Agrupamento de Escola.(...)</p> <p>E2 – (...)pronto, agora vou fazer alguma coisa que seja válida para a terra e ao mesmo tempo os alunos sintam algum prazer nisto (...)</p> <p>E2 – (...), fiz um a recolha sobre os moinhos de vento e de maré do concelho de Lagoa, falhou um, que está situado hoje no Club Carvoeiro, está dentro de uma casa, de uma vivenda de um estrangeiro, mas mantém-se, mas pronto, aquilo funcionava um bocadinho como roteiro turístico, ou seja, tinha a descrição da história dos moinhos de vento e de maré em português e tinha em inglês.(...)</p> <p>E2 – Depois fiz outro ((livro)), no outro ano também com uma turma de nono ano, foi, foi a caracterização da freguesia de Lagoa, foi um livrinho que já fiz, portanto a caracterização dos vários aspetos (...)</p> <p>E2 – (...)eu fiquei a meu cargo com o clube de fotografia e vídeo, no clube de fotografia montamos ali uma câmara escura, um laboratório com todas as condições e o que é que eu fiz, eu fiz várias exposições através da escola, de fotografia e, depois arranhamos uma coletânea de seis, seis ou oito fotografias (...)</p> <p>E2 – (...)depois fiz, ah, ainda no grupo de fotografia e</p>	<p><i>Valorizou-se profissionalmente através do aumento da escolaridade, denotando-se um forte investimento profissional, daí também uma forte identidade profissional.</i></p> <p><i>Conciliou a atividade profissional com a valorização do local de pertença, Lagoa, preocupando-se em criar projetos com os quais se identificava pessoal e socialmente.</i></p> <p><i>Conciliou os seus interesses pessoais com a atividade profissional, será por isso a forte identidade profissional assente no discurso narrativo do sujeito E2? Será por isso que ainda se encontra num processo de reconstrução de identidades e de adaptação à nova realidade quotidiana?</i></p> <p><i>Será que as dificuldades associadas ao seu percurso educativo/formativo para aceder às funções profissionais de gestão desempenhadas no final da carreira, impeliram a necessidade de editar vários livros, como que para obter o reconhecimento social pelo seu bem-sucedido percurso profissional/esforço? Mais ainda quando o sujeito se manteve na sua terra desde as suas origens?</i></p>
--	--	-------------------------------------	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>vídeo foi editado o livro, foi o primeiro “Concelho de Lagoa através dos Tempos” uma recolha de, uma coletânea de fotografias, do mais antigo ia aparecendo, à medida que no clube íamos arranjando fotografias, portanto, achei que era altura de fazermos um livro, alguém apoiou, editou-se esse livro (...)</p> <p>E2 – (...)sozinho editei o “Concelho de Lagoa Através do Tempos” volume dois, isso já fui eu sozinho, também, já com outro material. Depois, mais tarde editei “ O Concelho de Lagoa, as vindimas e o vinho”, isso foi tudo meu, também...(...)</p> <p>E3 – (...) trabalhei sempre no Huambo, também tive sorte, na altura os concurso para se entrar no quadro só aconteciam de quatro em quatro, de cinco em cinco anos e quando estávamos mesmo a terminar o curso abria um concurso desses e então a escola de Magistério propôs-nos candidatar-nos com a, saindo o concurso(...)</p> <p>E3 – (...)comecei a trabalhar em setenta, setenta e um, em outubro, já disse que as aulas começavam a dez de, de setembro, mas como só tinha dezassete anos, tive que esperar fazer dezoito para começar a trabalhar (...) “senhor diretor, já fiz dezoito anos” e ele arranjou-me uma escola logo de seguida(...)</p> <p>E3 – Fui ficando sempre na mesma escola, os cinco anos que lá trabalhei, à exceção do último ano em que fui convidada pela inspeção para ir para a formação de professores(...)</p>	<p><i>Publicou diversos livros, uns em contexto profissional, outros já não. Necessidade de aceitação/valorização e estatuto social, face aos constrangimentos que teve de ultrapassar no percurso educativo e profissional?</i></p> <p><i>A atividade profissional desta geração de adultos mais velhos era iniciada muito cedo, pelo que a existência de percursos mais longos de atividade profissional, poderão desencadear mais satisfação com a transição para a reforma, por estar associado um tempo de descanso e lazer.</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E3 – Cheguei a Portugal, não entrei logo no quadro de /aditos/ aliás acabei por não entrar mesmo, porque o que me pediam de documentos para ingresso nos /aditos/ era o mesmo que me pediam para concorrer, eu concorri e entrei, em janeiro comecei a trabalhar.</p> <p>E3 – (...) acabei por iniciar a minha carreira em Portugal, na grande Lisboa.(...)</p> <p>E3 – Trabalhei durante cinco anos na zona da grande Lisboa e depois vim para o Algarve(...)</p> <p>E3- A primeira escola aqui no Algarve, que eu apanhei, foi Tunes, depois fui para Armação de Pêra, (ham) acho que me sentia um pouco frustrada, sentia saudade do primeiro porto de abrigo que encontrei quando cá cheguei, foi Lisboa, e resolvi concorrer para as Escolas Superiores de Educação (...) passei mais três anos na Escola Superior de Educação de Setúbal, na orientação da prática pedagógica.(...)</p> <p>E3- (...) era um projeto interministerial para o sucesso educativo, o PIPS, (ham) que tinha aqui uma coordenadora bastante interessante que bastante me ajudou, porque de facto a linguagem, descer de novo às crianças,(...)</p> <p>E3 – (...) vim para Lagoa, mas eu não estava aqui efetiva, estava efetiva em Carvoeiro só que não havia alunos. Depois houve o ano a seguir, pedi a recondução, porque tinha iniciado com o primeiro ano e para não deixar os miúdos desamparados e logo a seguir, sim, efetivei-me aqui.(...)</p> <p>E3- (...) fiz mais três anos na Direção Regional e, no</p>	<p><i>O seu percurso profissional proporcionou-lhe o contacto com contextos sociais e culturais diferenciados, mudando constantemente de local para exercer a profissão, será nesse um fator positivo para facilitar o processo de transição para a reforma? Facilitador de maior criatividade para gerir a mudança?</i></p> <p><i>O seu percurso profissional direcionou-a para a residência no concelho de Lagoa, embora tenha sido instável e sujeito a mobilidade pelo país, acabou preferir efetivar-se em Lagoa a continuar esse percurso de mobilidade e depois acabou por assumir no final da atividade profissional funções de coordenação de projetos na Direção Regional de Educação.</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>regresso da Direção Regional já vinha disposta à minha reforma (...)</p> <p>E3 – (...) então concorri para apoio educativo e, pela primeira vez em Portugal, fui trabalhar para escolas mais pequenas.(...)</p> <p>E3- (...) aproveitei os últimos anos e acabei em apoio educativo. Estive em Porches, Alporchinhos, Alfazina, Carvoeiro (...)</p> <p>E3 – (...) aqui na escola, trabalhei quatro anos, do primeiro ao quarto ano com um grupo de alunos, esse grupo com que iniciei. Nos anos a seguir desenvolvi um projeto de currículos alternativos, desenvolvi a experiência da reorganização curricular e um ateliê de língua portuguesa para a recuperação e o desenvolvimento da oralidade e do desempenho, (ham) e então depois fui para a Regional, e assim é que está mais correto(...)</p> <p>E3- Elas conheciam os moços todos... o que é que eu fiz, o meu papel era com a ajuda de alguns deles, às vezes, quando podiam, convocar os pais e ter aquela conversa com os pais para os pais autorizarem para que os filhos integrassem a turma (...)</p> <p>E4 – (...) quando era pequena, claro que não fui logo para a escola (...) e na altura quando chegou cá é que me pôs na escola. Tinha nove anos. E consegui em três anos fazer a quarta classe. Chamavam-lhe exame da quarta classe. Eu fiz o meu exame tinha treze anos.</p>	<p><i>Foi a atividade profissional e a função que desempenhava que a direcionou para o Algarve e para o concelho de Lagoa, impelindo à sua fixação no concelho até à reforma já desejada no final desse percurso profissional.</i></p> <p><i>Valoriza muito as suas experiências profissionais relativas a projetos de educação comunitária que desenvolveu ao longo do seu percurso profissional e não tanto projetos individuais, como tal não se centra muito em si e na valorização pessoal, mas antes nos contributos dos outros no sucesso do seu trabalho.</i></p> <p><i>Será que a pretensa desvalorização do contributo pessoal no sucesso do seu desempenho profissional, facilita uma transição positiva para a reforma e uma maior facilidade na assunção de novos papéis sociais não associados à atividade profissional desenvolvida?</i></p> <p><i>Verifica-se uma desvalorização do percurso educacional por parte da família de origem, devido aos constrangimentos económicos? Será por tal razão que a Entrevista é muito resiliente e investiu fortemente na atividade profissional que desenvolveu? Foi essa a razão da sua maior dificuldade na transição para a reforma?</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Significado atribuído à atividade profissional</p>	<p>E1 – Mas realmente também não viajei muito mais porque depois, dado a minha vida (...) eu sou metido naquele negócio pelos meus pais, não procurei emprego, não é, não sou realizado assim muito. Embora, de certa maneira até fui uma pessoa com algum sucesso. (...) mantive e aumentei. Mantive e aumentei bastante (...)</p> <p>E1 – Não tenho saudade nenhuma porque deixei quase de ver os filhos lá, porque Sábados e Domingos (...) nós que já não tínhamos férias, há quantos anos? Há quinze anos, esta casa, eu penso que não tinha passado aqui oito dias.</p> <p>E2 – Comecei a gostar do ensino, comecei a inteirar-me naquilo (...) depois comecei a gostar daquilo que estava a fazer, comecei a gostar daquilo que estava a fazer (...)</p> <p>E2 - (...)as pessoas que trabalharam comigo foram pessoas em quem eu confiei muito e confiaram em mim e a quem muito devo e formamos uma equipa única, coesa, e que, com vontade de trabalhar, de fazer projetos e de zelar pela causa e foi uma experiência gratificante, gratificante ao máximo (...)</p> <p>E2 – (...) foi um ano em praticamente acho que nem fui à praia, era sábados, era domingos e levamos ali o tempo todo e depois, a arrumar isto e arrumar aquilo, a tentar colocar...(…) e a coisa mais importante é ter saído com a minha consciência tranquila que fiz aquilo que podia fazer.</p>	<p><i>O sujeito após a reforma desvaloriza a atividade profissional porque lhe foi imposta pelo pai? Será que pelo facto de lhe ter sido facilitado o acesso ao mercado de trabalho e apesar do sucesso no negócio de família, não se sentiu realizado profissionalmente?</i></p> <p><i>O sujeito por não dar tanto significado à atividade profissional, enfatiza o tempo que relevou em relação à família e ao lazer devido às responsabilidades profissionais.</i></p> <p><i>Significação positiva da atividade profissional promoveu um forte relacionamento entre os pares e uma maior capacidade de empreender e criar, envolvendo-se em projetos, o que favoreceu uma identidade pessoal fortemente ligada à atividade profissional.</i></p> <p><i>O significado dado ao exercício da atividade profissional impeliu-o a progredir na escolaridade/formação e a valorizar a profissão, mesmo no fim de carreira. Será devido a esse grande investimento que ainda refere com mágoa o fim da vida ativa?</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E2 –E gostei de tal ordem que... a certa altura apareceu uma formação para, portanto, formação para o executivo, para Conselhos Executivos e eu fui fazer para Lisboa, que não tinha necessidade disso e que perdi ano e meio da vida a ir para Lisboa aos fins-de-semana e feriados e às vezes era quintas, sextas, sábados, pronto (...) até dois mil, estava a estudar em Lisboa. Por gostar daquilo que estava a fazer e por interesse em progredir, em melhorar.(...)</p> <p>E2 – (...) dediquei-me aquilo e foi uma coisa que adorei fazer, durante a minha vida profissional, que passou a ser aquela, e não foi só por me dedicar a ela, gostei daquilo que fiz, senti-me sempre um profissional.... se for dizer excelente(...) considere-me um bom profissional e dedicado à causa, sempre, sempre, sempre, sempre.</p> <p>E3 – (...) gostaria de ter sido enfermeira, gostaria de ter sido assistente social, muito mais do que professora, honestamente fui sempre uma professora muito frustrada, nunca tive a certeza se estava no lugar certo(...)</p> <p>E3- (...) quando comparava os horários de trabalho, disponibilidade de tempo para a família, as condições de treino e de habituação do desempenho e quando me surgia oportunidade de mudança de profissão eu acabava por desistir e me deixando estar (...)</p> <p>E3- (...) gostei, no fundo gostei, gosto imenso de crianças e sem dúvida que uma criança é sempre o futuro do mundo e da nação. E nessa perspetiva, sim,</p>	<p><i>O significado dado à profissão e a sua valorização promoveu a sua autoestima e a capacidade criativa de ultrapassar constrangimentos?</i> <i>No entanto poderá dificultar a reconstrução de identidade associada à transição para a reforma e como tal dificultar esse processo de adaptação a um novo ciclo de vida.</i></p> <p><i>Quando o sujeito atribui um significado menos positivo em relação à atividade, a sua identidade pessoal não fica tão marcadamente ligada à profissão e por conseguinte, facilitará a transição para a reforma?</i></p> <p><i>Optou por permanecer na mesma profissão embora desejasse fazer outra coisa, por lhe facilitar o tempo para família, pelo que manteve sempre um contínuo relacionamento familiar antes e depois da reforma.</i></p> <p><i>Na vivência profissional procurou retirar partido dos significados positivos do desempenho profissional, no entanto não constituiu um enfoque central na sua vida, será</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>valeu a pena (...)</p> <p>E3- (...) onde eu entro, as coisas que eu faço, dedico-me de alma e coração e acho que rentabilizo, acho que rentabilizo. E pela experiência que tive (ham) acho que, aquilo que fiz, fiz bem, fiz com amor, com garra, nunca () sempre com a consciência tranquila que fiz aquilo que tinha que fazer (...)</p> <p>E4 - Eu gostava muito de trabalhar, no meu trabalho, eu gostei sempre de trabalhar eu nunca fugi ao trabalho (...) para mim era uma alegria trabalhar (...) nunca tive preguiça, nunca, nunca, eu ia para a firma como se a firma fosse minha(...)</p> <p>E4 – (...)eu estava sempre com interesse como aquilo fosse meu. Gostei sempre muito daquele trabalho, ainda hoje, se eu voltasse para trás, ia para o mesmo sítio.</p>	<p><i>por isso que a sua transição para a reforma foi mais positiva e menos problemática? Foi essa decisão refletida e pensada e como tal menos sujeita a dificuldades?</i></p> <p><i>Atribui um significado muito positivo à atividade profissional, sendo oriunda de um contexto socioeconómico mais desfavorecido e de um percurso mais difícil de status social, será a atividade profissional um fator de compensação pelas perdas? Será esta capacidade de otimização dos ganhos favorável a um envelhecimento mais bem sucedido?</i></p>
		<p>Relações Sociais e Profissionais</p>	<p>E1 – (...)a minha vida social lá já era tão pobre, portanto, não há dúvida que tenho sempre amigos, não é, alguns estão para me vir visitar, outros já cá vieram, mas quer dizer, como não tinha uma vida social ativa porque tínhamos uma vida muito ocupada, tanto eu como ela, isto aqui tem sido um descanso(...)</p> <p>E2 – Os colegas da escola, muitas vezes ligavam-me, eu sentia-me emocionado quando me ligavam (...)</p> <p>E2- (...)durante a minha vida profissional eu nunca me pus em cima do estrado, embora vamos buscar as escolas antigas, os liceus e as escolas técnicas tinham um estrado, para quê, para colocar o professor sempre num nível mais alto, percebe, a seguir ao vinte e cinco</p>	<p><i>Não foi fomentada uma rede social durante a atividade profissional e viveu a profissão como negócio de família também em partilha com a esposa, com quem mantém um forte relacionamento conjugal, será facilitador do processo de transição para a reforma em que não sente tanto as perdas associadas à diminuição de relações sociais?</i></p> <p><i>Verifica-se que o sujeito atribui um forte significado à rede social constituída durante o exercício da vida ativa, pelo que foi mais difícil a sua transição para a reforma.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>de abril desapareceu, o professor estava no mesmo patamar que os alunos, se me disser que isso tem vantagens, para nós professores tem algumas desvantagens, percebe, porque não se visualiza bem, agora que o objetivo do Estado Novo não era esse, era por o professor no estrato, num estatuto acima do aluno. Eu nunca usei isso. Acho que a melhor forma de se estabelecer uma relação é colocarmo-nos no mesmo pé de igualdade e estamos aqui todos para colaborarmos em conjunto, é a melhor forma, e quando alguém tenta (ham) se por à distância, é uma barreira que acho que... a mim... (...)</p> <p>E3- Tive oportunidade de fazer bons e excelentes amigos entre os colegas(...)</p> <p>E3 – E lá vinha ela fazer esse carinho, só mesmo por carinho e boa vontade, está a ver, amigos, eu faço fácil, eu tenho a sorte de ter, não sou muito abusadora, mas, tive esse apoio.</p> <p>E3 – (...) tínhamos uma ótima equipa no apoio educativo, (...) Tínhamos aqui uma ótima equipa de educação especial. Tinham os processos híper organizados, estive aí uma psicóloga (ham) está no IEFP, na área de Monchique.(...)</p> <p>E3- (...) tenho uma sorte incrível, é, ter muitos amigos. Ter feito, na vida inteira muita facilidade de relação e tenho muitos e preciosos amigos, dos mais diversos locais, em que, no fundo, no fundo, nunca estou só. (...)</p> <p>E3 – (...) claro que a profissão influencia sem dúvida</p>	<p><i>Considera que a profissão que exerceu lhe dava estatuto social e valorização social, será por isso que as perdas associadas são muito elevadas na adaptação à reforma? Dificultará como tal um processo de envelhecimento bem-sucedido?</i></p> <p><i>A rede social que construiu ao longo da atividade profissional e que valoriza fortemente, compensou o facto de não ter escolhido a profissão que desejava? Será esse ganho um fator de sucesso para um envelhecimento bem-sucedido?</i></p> <p><i>Valoriza a atividade profissional pela possibilidade de criar uma rede social, que ainda mantém segundo afirma. Refere que facilmente criou laços de amizade ao longo da sua vida, que evitam que esteja só.</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>nenhuma, nomeadamente a relação com crianças mais jovens, já tenho mais dificuldade com a adolescência, mas tudo bem (...)</p> <p>E3 – Mas até isso, veja lá, nem ciganos me roubam, nada, nem pretos, nem brancos, nem amarelos, nem azuis às riscas.(...)</p> <p>E3 – (...) tinha vindo aí algumas vezes, mesmo já depois de velho e já de andar no gangue, cada vez que chegava aí e dizia “professora, posso dar-lhe um beijinho” só dizia “ esta mulher tem muita força, pegou-me pelos calções e pendurou-me”</p> <p>E3 – (...) o olhar que se tem da criança na primeira e segunda infância é muito mais permissivo, analítico e pronto, mais de interação do que se tivesse eventualmente outro nível de profissão (...)</p> <p>E3 – (...) tudo isso tem uma grande influência a família de origem, a educação que tivemos em casa e durante a formação como aluna interna, também uma grande influência, na relação com os outros, na vivência em grupo (...)</p> <p>E3 – (...) e ainda hoje nos encontramos e conversamos e nos sentamos aí à sombra da bananeira a contar histórias (...)</p> <p>E4- Mas, da maneira de viver que eu tenho e viver assim, eu vejo pessoas que além de eu estar fora da minha família ainda são mais infelizes e eu ainda é que as apoio. Eu ainda apoio muita gente.(...)</p> <p>E4 – Depois começam-se a juntar grupos, tudo falando nos problemas, eu pareço a doutora no meio daquela</p>	<p><i>Considera que as relações que desenvolveu quer com os adultos quer com as crianças durante a sua atividade profissional, ainda hoje se refletem como fator de valorização pessoal e mesmo de estatuto social, pelo reconhecimento público na sua vivência em comunidade.</i></p> <p><i>Considera que o seu contexto social e familiar, como também o seu percurso educativo foram fatores que favoreceram as suas relações sociais de forma positiva e que ainda hoje permanecem, mesmo após a reforma.</i></p> <p><i>Considera que tem facilidade em promover relações sociais pela sua capacidade de interação social e sentido otimista e resiliência perante as dificuldades da vida. Será que a capacidade de agency para ultrapassar as dificuldades estruturais, facilitam um processo de envelhecimento bem-sucedido?</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>gente. Tudo a falar dos seus problemas.(...)</p> <p>E4 – Eu, onde estou a viver arranjo amigos, porque eu tenho-os. Não moram é aqui ao pé de mim(...)</p> <p>E4 – (...) eu estou na ginástica, eu estou no computador, eu estou no cavaquinho, aquilo é, onde eu ando não me largam.(...)</p> <p>E4 – (...)quem é frio são os portugueses, principalmente os vizinhos que moram ao pé de a gente. Se a gente morrer aqui ninguém sabe.(...) Aqui em Portugal não dão apoio à gente (...)</p> <p>E4 – Estamos muito abandonados aqui das vizinhas (...) Não é as vizinhas, as vizinhas, ah, então e eu estivesse a olhar às vizinhas o apoio que me deram, que me têm dado a mim e ao meu marido, eu não sei, porque a gente não tem apoio.</p> <p>E4 – Aqui as vizinhas não conhecem a gente. Não, não, a gente passa “boa tarde”, nem perguntam nada, nem...(...)</p> <p>E4 – (...) vou dizer, dois anos que comecei a curar-me a mim própria porque eu não tive apoio de ninguém (...) Nessa altura não tinha mesmo apoio de ninguém.(...)</p> <p>E4 – Porque as pessoas aqui, isto é um dormitório. As pessoas abalam de manhã, à sua vida, chegam seis, seis e meia, sete horas (...) Eu sinto as pessoas aqui muito só para elas ou então desprezam...(...)</p> <p>E4 – (...)a gente lá arranja muitas amizades porque eu não preciso de sair daqui, mas se gente não sai daqui a gente não tem amizades, não é (...)</p>	<p><i>Refere que a participação em atividades formativas, lúdicas e ocupacionais favorecem as relações sociais após a reforma e como tal são facilitadoras de um envelhecimento bem-sucedido.</i></p> <p><i>Refere que não existe uma rede de vizinhança de apoio, refere estarmos numa sociedade individualista que cada um fica sujeito a si próprio perante as dificuldades. Pelo que estando sozinha, apenas com o marido, e com os filhos e os netos na Alemanha, teve ela própria de ultrapassar os constrangimentos associados à reforma, utilizando quer recursos individuais, quer recursos da comunidade que favorecessem a sua transição.</i></p> <p><i>Como não conseguiu encetar relações de vizinhança procurou alternativas na comunidade para conseguir desenvolver relações sociais satisfatórias que valoriza, favorecendo um envelhecimento bem-sucedido.</i></p> <p><i>Considera que as atividades que desenvolve são fundamentais para o desenvolvimento de relações de amizade.</i></p> <p><i>Reconhece a importância das relações sociais para o processo de envelhecimento bem sucedido</i></p>
--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E4- (...)mais tarde que agora faz muito calor, ou mais cedo, para a gente se juntar as duas, diz que vai convidar mais duas para a gente ir ali no café, beber uma bebida fresquinha, estar ali um bocado na conversa, para a gente beber um copo de água ou aquilo que nos apetecer e estamos ali hora e meia na conversa. Isto faz falta. Isto faz falta à gente.(...)</p> <p>E4- Eles não me largam. Eu vou a um lado e vai tudo atrás(...) e a outra parte e a maioria, também algumas e a maioria tem dificuldades, não financeiras, claro, mas julgo que não é muito, um bocadinho mas não é muito, mas por outra parte, que eu sei, por conversas que a gente tem que eu apanho muitas coisas, não são felizes"</p>	<p><i>Valoriza o facto de ser reconhecida pelos seus pares. Refere que muitas pessoas da sua idade não são felizes. Não indica as razões, mas subentende-se que se deve a constrangimentos familiares em vez de questões económicas.</i></p>
		<p>Contexto histórico e cultural</p>	<p>E1- (...)ser de Lisboa, ter nascido, vivido, convivido e ter feito toda a minha vida lá (...)</p> <p>E1 – Para aí nos meus seis anos, por altura da eleição de Humberto Delgado o meu pai foi preso, pela PIDE. Seis meses, sem qualquer culpa formada, sem nada, mas pela arbitrariedade do Sr. Salazar (...)</p> <p>E1 – (...)e faço o Liceu todo, interrompido pela tropa e pela guerra (...)</p> <p>E1- Passo seis meses, passo um ano cá, em janeiro de 74 vou logo para Angola. Em Angola para mim foram quase umas férias. Olhe, Angola para mim, só soube praticamente o que era guerra depois do 25 de abril.(...) A guerra não era propriamente connosco, mas (...)</p> <p>(...) no entanto enquanto estive lá a minha arma era</p>	<p><i>O sujeito sempre viveu em Lisboa e mudou de residência quando se reformou, não tem identidade local? Será mais difícil futuramente encontrar recurso na comunidade para favorecer o seu envelhecimento bem-sucedido?</i></p> <p><i>A sua trajetória de vida é fortemente influenciada pelo contexto histórico da época, a ditadura e a guerra da independência nas ex-colónias portuguesas em África.</i></p> <p><i>Refere que a sua ida para Angola no âmbito da guerra colonial não foi traumática, acabou mesmo por desenvolver um interesse, a fotografia.</i></p> <p><i>Considera que a revolução democrática do 25 abril de 1974 não trouxe à sociedade</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>mais a máquina fotográfica.</p> <p>E1 – Estamos cá já pós 25 de abril, pós, principalmente () mas vivi o 25 de abril lá e achava que talvez não fosse bem isto, calma, não é nenhuma viragem, isto (...)</p> <p>E1 – Quer dizer, a gente anda, eles brincam com os sentimentos das pessoas (ham) depois não é isso, é a prevalência dos fortes contra os fracos, é a ausência total, não têm sensibilidade absolutamente nenhuma, os dramas humanos que têm provocado, eu pessoalmente não tenho assim conhecimento, julgo eu, julgo eu, daquela pobreza envergonhada que começa a grassar por aí, não tenho assim presente um único caso que foi lá pedir, mas se calhar até andam, de alguns que eu conheci, e que conheço, se calhar até andam, porque já vão envergonhadamente pedir um cestinho para ver se têm coisas em casa (...)</p> <p>E1 – A mesma coisa que vos por a vocês a andar daqui para fora, para ir dar o rendimento nos outros lados, os outros é que se ficam a rir, porque nós, é que vamos lá ver, isto não é só pagar os juros e pagar os empréstimos e não sei quantos, nós com o <i>know how</i> que estamos a mandar para fora, nós estamos-lhes a dar de mão beijada todo o conhecimento científico que aprenderam cá e que o estado investiu, não é?(...)</p> <p>E1 – (Portanto nós estamos a pagar juros, nós devemos dizer isto, nós estamos a pagar juros, estamos a pagar o dinheiro, estamos a pagar juros e estamos a dar cérebros para eles desenvolverem os países deles (...)</p>	<p><i>portuguesa aquilo que preconizava.</i></p> <p><i>Considera que o contexto atual de crise económica é fator de favorecimento da pobreza e da emigração dos jovens, aparentando um grande descontentamento relativamente ao contexto histórico atual, considerando que irá condicionar negativamente o futuro da sociedade com a perda de mão-de-obra qualificada e de saber para o exterior, em vez de favorecer o próprio país e o seu desenvolvimento.</i></p> <p><i>Exemplifica o contexto histórico e cultural atual com a situação d afilha que está no estrangeiro a trabalhar e dificilmente regressará a Portugal</i></p> <p><i>Apresenta uma forte ligação/identidade local</i></p>
--	--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E1 – (...)Que eles têm, não é? A minha filha diz que não se habituava a trabalhar cá, o sistema de trabalho é muito diferente. (...)</p> <p>E2 – (...)existiam <i>n</i> festas no concelho de Lagoa antigamente, portanto, a diversão era mais do que hoje, não é, e com, acho que muita gente desconhece as festas que existiam e porque é que existiam. Por exemplo, não sei se, se lembra, antigamente as pessoas faziam procissões para pedir chuva, assim em anos de seca. Eu tenho duas fotografias, ali da zona de Carvoeiro, onde está agora o Aldi, precisamente, a procissão saía daqui, para Carvoeiro, afim de pedir chuva, o que é certo é que a coisa, às vezes chovia...</p> <p>E2- (...)Lagoa foi um concelho agrícola por excelência(...) foi a atividade principal que foi a cultura da vinha e do vinho, isto quem se lembre de Lagoa na década de cinquenta, sessenta, na altura havia uma azáfama, era uma coisa, só a adega empregava naquele tempo cento e tal pessoas, era o maior empregador(...)</p> <p>E2-(...) guerra colonial era os projetos que nós homens tínhamos pela frente, ou seja, não havia expectativa de vida, a expectativa era a guerra. (...)</p> <p>E2-(...) vinha a correr ali onde está o António José Soares, em frente à praça, e onde tinha uma lojinha a seguir, o Senhor M₁. tinha ali uma lojinha de flores, e eu vinha a correr, não sei com quem era, com outro amigo qualquer e lembro-me de o homem dizer isto, depois à frente pensei, mas continuei “Vão-se criando</p>	<p><i>ao concelho e valoriza o seu contexto histórico e as suas tradições, poderá este ser um fator promotor de ganhos no processo de transição para a reforma? Conseguirá o sujeito encontrar na valorização cultural da sua terra uma forma de valorizar o tempo disponível associado à reforma?</i></p> <p><i>Refere as festas religiosas, a agricultura e a vinha como atividades de valorização histórica e cultural do concelho. Poderá ser por aqui uma sugestão de mobilização de atividades que valorizem o património local e a sua história, utilizando para tal a memória e o conhecimento privilegiado dos mais velhos, com o qual se identificam, ganhos duplos para a comunidade e para o individuo.</i></p> <p><i>Para o sujeito E2, a guerra colonial foi um facto na sua trajetória de vida que o marcou decididamente como critico, o contexto histórico da altura não deixava alternativa aos jovens senão ser colocados ainda muito novos e sem qualquer experiência de vida a prestar o serviço militar nas ex-colónias portuguesas em guerra.</i></p> <p><i>O sujeito foi colocado em Moçambique e procurou que fossem os amigos e não os pais a levá-lo ao barco, foi um período da vida que o traumatizou decididamente, ao contrário do sujeito E1, será pelo facto do seu contexto socioeconómico diferenciado? Um prestou serviço militar em Angola e considerou que</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>corpinhos para irem para a Guerra Colonial” Tinha dez anos (...)</p> <p>E2-(...) era um aspeto da guerra horrível, horrível porque toda aquela envolvência, o que nos esperava, o durante a guerra, aquilo era complicado, ou seja, eu fui para Moçambique, não me despedi dos meus pais porque tive receio, não sei se teria coragem.(...)</p> <p>E2- (...)foram-me levar e (ham) aquilo foi horrível, aquilo é indescritível, no cais da () é indescritível, acho eu ninguém merece aquilo percebe (...)</p> <p>E2- (...)Nós a vermos do barco pessoas a desmaiarem, as ambulâncias, e pá, uma coisa sem descrição, horrível, horrível, horrível. Depois foi uma viagem muito atribulada, também.(...)</p> <p>E2-(...) Vinte e oito meses, e lembro-me de chegar a Moçambique, a () no auge da guerra, também não sabia para onde é que ia, não é, não sabia(...)</p> <p>E2 – (...)e no dia de Páscoa fomos rececionados, tivemos um ataque, mas pronto, foi horrível, horrível, muito horrível, depois toda aquela incerteza, sabe, depois entretanto () no Norte de Moçambique aquilo é uma zona de () aquilo começou a aquecer, aquecer(...)</p> <p>E2- E aquilo horrível, as coisas marcavam-me muito, na noite de natal, de sessenta e um, nunca mais me esqueço, estávamos oito ou dez... à noite... chovia que deus mandava.... Agarrados, à volta de uma árvore, um () uma coisa enorme, a nos proteger um bocado da chuva e diz-me assim um moço de Braga o M₉ “Eh</p>	<p><i>não foi uma experiência difícil o outro não, foi algo que o marcou e ainda marca.</i></p> <p><i>O facto de passar as épocas festivas na guerra, longe da família e enquadrar um contexto histórico de mais adversidade, favoreceu a sua persistência em ascender socialmente através do aumento da escolaridade e da valorização profissional, mesmo que para isso sacrificasse o relacionamento família?</i></p> <p><i>Mas se se proporcionarem circunstâncias facilitadoras da transição da vida ativa para a reforma, que sejam do seu interesse, acederá o sujeito aos seus recursos individuais e mesmo da comunidade para ultrapassar eventuais constrangimentos associados ao envelhecimento?</i></p> <p><i>Será que a assunção da forma como experienciou e ultrapassou as diversas crises que constituem o seu curso de vida e a consciencialização da sua capacidade de agency, não serão facilitadoras de uma transição positiva para a reforma, proporcionando um envelhecimento bem-sucedido?</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>pá, mas o que é que a gente está aqui a fazer?”(...)</p> <p>E2- Porque, nunca mais me esqueço da viagem daqui a Faro, foi terrível, ou seja, ia de olhos bem abertos, porque eu nunca mais vejo isto, percebe, é uma situação muito, muito complicada, foi a coisa que mais me marcou pela negativa, sob todos os aspetos, sob todos os aspetos (...)</p> <p>E2-(...) fiz a recruta e a especialidade eram mil e tal indivíduos, e eu, em trinta e um, fui o que fui para minas e armadilhas, já viu, que era a pior coisa, não havia pior (...)</p> <p>E2 – Sim foi a que mais me traumatizou e ainda hoje, há-de ficar comigo, essa fica comigo, não passa de certeza. A outra foi uma crise idêntica, económica, género de económica, foi em mil novecentos e oitenta e nove, salvo erro, era o Mário Soares primeiro-ministro, que ainda recebi subsídio de férias, passados dois anos... (...)</p> <p>E2- Sim, sim, agora isto está muito pior. Nunca, nunca me passou pela cabeça de atravessarmos um momento destes, nunca e é preocupante e acho que deve preocupar as pessoas, muito preocupante...(…)</p> <p>E3 – (...) fui criada em Angola, Huambo, uma terriola a sessenta quilómetros da cidade (...)</p> <p>E3 – Não, medi os prós e os contras, embora os meus pais estivessem convencidos de que eu não viria porque já na altura estava metida no Movimento Democrático do Huambo e estava () na Escola de</p>	<p><i>Refere igualmente o contexto histórico dos finais da década de oitenta, reportando-se a uma crise económica, a que tal como hoje também lhe foram retirados o benefícios sociais aos trabalhadores, mas considera que atualmente o contexto socioeconómico e cultural é mais difícil. Será esta perceção resultante da assunção de que com a idade atual não poderá contrariar as adversidades como o fez até à data durante toda a sua trajetória de vida?</i></p> <p><i>Cresceu no contexto histórico da ocupação de Angola pelos portugueses, quando este país era uma colónia portuguesa, onde teve a oportunidade de usufruir de condições socioeconómicas muito favoráveis.</i></p>
--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Magistério em regime de voluntariado.</p> <p>E3 – (...) fui uma privilegiada, vivi num paraíso da terra, que era Angola, na altura, havia uma Condessa Polaca, refugiada da segunda grande guerra que morava lá perto de nós, quando eu era pequenina, falando das viagens que fazia, dizia-me “EN, não conheço no mundo nenhum país tão democrático como Angola para os brancos.”(...)</p> <p>E3 – Agora, claro que não se misturava criados com patrões e não sei quê, havia mais o racismo social do que cor de pele, só que o social também era coincidente com a pele.(...)</p> <p>E4- (...)fui emigrante durante vinte e tal anos, eu conheci muita gente. Alemães, portugueses, espanhóis, turcos, gregos, italianos e por aí a fora,do norte, no nosso país, do norte, do sul, de lisboa, daqui e dali, e a gente vai conhecendo as pessoas pela maneira de viver, não é por eu estudar que vou tirar a /capacidade/ àquela pessoa. A própria vida nos ensina e é isso que nós, não é que sejamos mais inteligentes é tanta coisa que tem passado por mim (...)</p> <p>E4 – (...)a minha mãe viveu na Espanha, fugiu para Portugal quando foi a guerra de Espanha (...)</p> <p>E4 – Que eu fui para a Alemanha? Sim, mil novecentos e setenta e três e minha filha foi quando foi o vinte e cinco de abril, no ano a seguir. (...)</p> <p>E4 – Ele trabalhava na siderurgia, na altura ganhava três contos e tal e ele inscreveu-se para a imigração, sabe que antigamente havia a imigração, pronto, e eu</p>	<p><i>Refere a questão do racismo em Angola, sendo que os naturais eram criados dos portugueses e outros estrangeiros, na diferença entre branco e preto.</i></p> <p><i>Considera que o facto de ter sido emigrante e se ter relacionado com diversos tipos de culturas lhe permite ter um entendimento diferente sobre as relações sociais. Será este fator um facilitador do processo de envelhecimento bem-sucedido?</i></p> <p><i>Considera que independentemente dos estudos tem uma boa capacidade de relacionamento devido a uma trajetória de vida cujas experiências são importantes para ajudar a ultrapassar dificuldades, será esse um sinal de agency?</i></p> <p><i>A emigração foi uma oportunidade para garantir melhores condições socioeconómicas para a família e expressa que também teve de ultrapassar dificuldades para se legalizar.</i></p>
--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			quando cheguei fui com passaporte de turista, mas cheguei lá, também não tive sorte, passado dois dias fecha a imigração, tive de estar lá como turista, sem poder trabalhar, às escondidas, aquela coisa toda(...)	
Envelhecimento e Reforma	Envelhecimento Social	Perceção da velhice	<p>E1- Eu, o meu trajeto tem sido ao contrário, eu tenho é rejuvenescido.(...)</p> <p>E1 – (...)quer dizer, já noto às vezes quando falo em rapazes da minha idade, os meus filhos emendam-me sempre (...)</p> <p>E1- O meu avô quando ia a Lisboa queria ver sempre um rapaz que era da criação dele, o meu já nessa altura tinha para aí oitenta anos e era sempre um rapaz da criação dele. (...)</p> <p>E1 – (...) não me sentia velho para deixar de trabalhar, percebe, foi mais uma solução do que propriamente.(...)</p> <p>E1 – É uma questão agora também mais de tempo....É só porque isto agora a contagem é regressiva, não é? A gente agora, não é mais um dia, é menos um dia....(...)</p> <p>E2 – (...) mas sabe que a velhice, ainda não pensei nada, não pensei nisso, não.</p> <p>E2 – Preocupa-me um bocado, preocupa-me um bocado, porque eu neste momento vou muito ao lar, quase todos os dias, tenho ali a minha mãe (...)</p> <p>E2 – (...) tomara eu, se lá chegar, portanto, não sei () tomara eu que um dia, se tiver que ir para uma instituição tenha uma instituição com estas características (...)</p> <p>E2 – (...)oxalá que eu nunca dependa de ninguém,</p>	<p><i>Considera positivo o envelhecimento ou facto de já não exercer a atividade profissional, à qual nunca associou a sua identidade pessoal? Os adultos mais velhos no período entre os 60 e os 70 anos não se consideram velhos, sentem-se ainda ativos e com vontade de continuar a fazer coisas.</i></p> <p><i>Apesar de se sentirem ativos e talvez por isso uma maior aceitação do novo paradigma do envelhecimento ativo, por estar associada uma expressão com conotação positiva que contraria o estigma associado à inutilidade por ser velho, associam no entanto a transição para a reforma como um sinónimo indissociável do envelhecimento?</i></p> <p><i>Associa a velhice à dependência e à institucionalização, dando uma conotação nitidamente negativa a esse tipo de respostas sociais.</i></p> <p><i>Receia pelas condições e pela existência de vaga em caso de necessidade de vir a ser institucionalizado no seu processo de envelhecimento/dependência.</i></p> <p><i>A conotação da expressão ativo ao envelhecimento atenua o estigma associado</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>porque há pessoas que terminam a sua vida, pronto, sem depender de ninguém (...)</p> <p>E2 – (...) eu tenho uma imagem de ter uma velhice, mas com dignidade, ativa, a mexer-me, sendo útil, valorizando isto ou aquilo (...)</p> <p>E2 – (...) , não quero pensar na velhice ainda porque acho que ainda tenho muito tempo à minha frente, acho que ainda posso ser útil, acho que a minha mente está boa, ainda sou capaz de fazer muita coisa, não quero pensar nisso (...)</p> <p>E3- (...) Eu acho que é o processo natural da vida, acho que há que me preparar para isso (...)</p> <p>E3- (...) queria ser egoísta e partir antes de envelhecer muito, porque que prefiro que fiquem com saudades minhas do que fartas de mim (...)</p> <p>E3- (...) não conheço assim mais tantos velhos, a não ser aqueles que estão lá com a minha mãe e que vou cumprimentando, ora uma, ora outra, está como a minha mãe, volta na volta...</p> <p>E3- (...) é que chegamos a esta fase da vida da minha mãe, não sei se lá cheguei, voltamos a ser crianças e precisamos é esse outro aconchego(...)</p> <p>E4 – Eu não me considero idosa, hoje ainda não me considero, amanhã não sei. Podem-me chamar velha, podem-me chamar o que quiserem mas dentro de mim eu não me sinto uma mulher idosa.(...)</p> <p>E4 – (...) eu não me sinto aquela velha, aquela velha, pronto, mas ainda lá vou chegar.(...)</p> <p>E4 - Aquela velha é aquelas pessoas que são mesmo</p>	<p><i>aos velhos, ao idadismo. Prefere envelhecer mas ativo embora tenha consciência de que se terá de preparar para esse processo mas preocupa-o a dependência, nunca refletiu muito sobre isso foi esta entrevista de cariz narrativo que o obrigou a fazê-lo para expressar os seus sentimentos em relação ao assunto, ainda se sente ativo física e mentalmente capaz.</i></p> <p><i>Considera que envelhecer é regredir, voltar a ser criança apesar de ser um processo natural da vida, não se consciencializou.</i></p> <p><i>Considera que velho é depender dos outros, verbaliza que prefere mesmo não chegar a depender de ninguém.</i></p> <p><i>Velho e idoso são os outros, os muitos velhos e dependentes, os institucionalizados.</i></p> <p><i>Não se considera velha, embora tenha consciência de que irá envelhecer, mas não para já só num futuro longínquo.</i></p> <p><i>Associa conotações negativas à velhice, ao isolamento e ao desistir de viver. Não se sente assim dessa forma!</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>velhas, vestem-se à velhas e depois não querem sair de casa e metem-se ali enroladas numa manta a verem televisão e ali muito coiso e depois e para trás e para a frente e não querem saber de nada, não querem saber da casa, não querem saber da vida, não querem saber de nada(...)</p> <p>E4 – (...) pessoas muito velhas que não querem saber(...)</p> <p>E4- (...) porque as pessoas não ouvem as pessoas com a nossa idade, porque nós somos antigas, somos velhas, a gente já não sabe o que diz, a gente já não sabe o que diz. Elas não escutam porque elas é que sabem o que dizem e às vezes não aceitam um conselho e eu já lhe tinha dado este conselho(...)</p> <p>E4 – (...)mas eu vejo muitos erros, muitos erros, mas porque a gente não é por ser inteligente, é que a gente tem muitos anos de vida e a gente tem(...)</p> <p>E4 - É por isso é que eu digo, nós, nós, na nossa idade, respeitamos muito o/o/, respeitar e e isto é, e pronto temos respeito pela família, não somos capaz, eu em geral, eu falo com pessoas das minha idades (...)</p>	<p><i>Associa a velhice à estagnação, a permanecer em casa e sem ligar sequer às atividades domésticas, nem têm interesse para nada e não são detentores do saber. Será por isso que aproveita todos os recursos da comunidade, participando ativamente nas respostas de intervenção comunitária que lhe são proporcionadas?</i></p> <p><i>Refere diferenças geracionais nomeadamente no que concerne ao compromisso do casamento e as relações familiares. Poderá este facto ser facilitador de tensões entre gerações?</i></p>
		<p>Constrangimentos associados à velhice</p>	<p>E1 – Agora é a questão da minha mãe, que é se calhar uma coisa que a gente não vai ter(...)</p> <p>E2-(...) não quero pensar nisso porque..., mas estou consciente que, não sei se a vida me permite que chegue /além/, mas estou consciente que possivelmente... A única coisa que quero, não quero depender de alguém, mas pronto, mas se tiver que ser, é assim, e eu sabe que as minhas idas diárias quase ao</p>	<p><i>Considera que apesar de assumir o papel de cuidador dos ascendentes, possivelmente ele próprio não poderá ter isso dos filhos.</i></p> <p><i>Preferem os adultos mais velhos permanecer no seu domicílio e a ser cuidados por familiares do que institucionalizados? Apesar de assim o preferirem, têm consciência que o individualismo da sociedade e o consumismo, bem como a valorização profissional e a</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Lar levam-me também a refletir nisto, levam-me a ver as pessoas, que eu falo com um, falo com outro, penso que, e pá, se calhar amanhã estou eu aqui (...)</p> <p>E2-(...) e era um homem ativo, era pescador, tive a falar com ele no outro dia e “então, já viste e tal, agora estou aqui” “Então e está bem?” “Estou bem, mas já viste, não vou ver o mar” Coitado do homem, não há muito tempo, semanas, ele saía de casa para ver o mar, e tal, depois falavam, ali em Carvoeiro as pessoas juntam-se muito ali ao pé do mar, nos banquinhos, a conversa roda sempre à volta do mar “ E pá, nunca mais fui ver o mar, não sei quê, não sei que mais” Isso deve ser preocupante, percebe....</p> <p>E2-(...) isto preocupa-me se chegar a uma altura dessas em que... também percebo que a minha mãe, coitada, às vezes diz que aquilo não é a casa dela, pois não, não tem condições para estar sozinha...(...)</p> <p>E2-(...) oxalá, tenha vida e isso tudo para chegar lá, mas quero ver se não dependo de ninguém, sei que não...(...)</p> <p>E2- (...)É isso que me preocupa, e deve preocupar muita gente, acho que uma pessoa estar dependente de outras, perder a sua autonomia (...)</p> <p>E3- Preferia deixar aí todo o mundo a chorar do que ficar eu dependente, mas... eu acho que a velhice tem os seus quês, não é fácil, existe uma degeneração física e intelectual, faz parte do processo, o que eu acho um exagero às vezes é o prolongamento de vida, medicarem, em excesso de medicação, protelarem a</p>	<p><i>produtividade dificultará a assunção desse papel pelos descendentes em relação a si. Por isso a consciência de que o seu futuro como velhos será a institucionalização.</i></p> <p><i>A dependência dos outros e a fatalidade da eventual institucionalização, são vistos como os grandes constrangimentos associados à velhice.</i></p> <p><i>Considera que a velhice retira a identidade pessoal às pessoas, assusta-o deixar de poder fazer aquilo que sempre gostou e de não manter a autonomia para estar onde gosta e fazer o que gosta. Associa a velhice à perda de identidade pessoal?</i></p> <p><i>A atividade profissional é sinónimo de identidade pessoal e social, logo ganhos, a reforma pelo contrário está associada ao envelhecimento e como tal à perda de identidade pessoal e social?</i></p> <p><i>Os Lares não são as soluções que agradam aos adultos mais velhos, é algo que os assusta em relação ao envelhecimento com uma forte conotação negativa.</i></p> <p><i>Prefere não viver mais tempo se isso for sinónimo de dependência e falta de autonomia e decisão pessoal. A autodeterminação e a autonomia são fulcrais, pelo que a sua perda inevitavelmente ligada aos ganhos de anos de vida face ao desenvolvimento da ciência e à melhoria das condições de vida, está associada ao processo de envelhecimento, por isso uma</i></p>
--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>vida até que condição nenhuma e isso é que eu acho muito estranho. (...)</p> <p>E3 – O que é que eu acho triste naquele espaço, a falta de toque. São dinâmicas de socialização, como aquelas que eu referi para as crianças, de prolongamento de horário que deveriam ter outras atividades que lhes permitissem relaxar, crescer enquanto pessoas e que não tiver que ser aquela castração do ler, escrever e contar, para os velhotes, era a mesma coisa, tenho muita pena que, por muitos bons que sejam os lares, a maioria estão ali os desgraçados a olhar para a televisão, que já não podem com a televisão e que não haja mais esta vontade do tal chá, do tal biscoito, da interação entre eles porque eles precisam de ser reeducados a conviver, porque se tornam mais centrados neles próprios, voltam a ser egoístas.</p> <p>E3- (...)a velhice, também é preciso realmente ter alguma apetência ou aptidão para ser capaz de estar porque realmente há uma degeneração e aquilo que nós pensamos que são pessoas, elas são, mas estão diferentes e já não são as pessoas que eu conheci a vida inteira(...)</p> <p>E3 – (...)acho que as coisas se vão perdendo (ham) os mais velhos vão indo embora, a informação perde-se e aos mais novos não se transmite as suas origens, percebe, e eu acho que nós devemos conhecer as nossas origens, acho eu, não é, mas isto, vale aquilo que vale, é a minha opinião. (...)</p> <p>E4 – (...)chegar tar numa cama sem puder fazer as</p>	<p><i>imagem negativa da designação de velho e de idoso para os sujeitos.</i></p> <p><i>Que termo/designação deveremos utilizar para contrariar o estigma associado ao envelhecimento e favorecer uma autoimagem e um autoconceito mais positivo que favoreça a valorização do ser-se velho por todos, inclusive pelos próprios? Adultos mais velhos ou adultos maiores?</i></p> <p><i>Considera os Lares desprovidos de animação e valorização do ser idoso, considera que se devia valorizar a interação e a atividade e não subjugar o velho a ser novamente criança. Promover a educação social nos Lares é um fator de valorização do processo de envelhecimento?</i></p> <p><i>Afinal os mais velhos tal como os mais novos querem é conviver e ser cuidados.</i></p> <p><i>Considera também que com o envelhecimento as pessoas perdem a sua identidade pessoal e social, é isso que tanto assusta no envelhecer? A dificuldade em reconstruir a identidade e manter as relações sociais face à mudança de modos de vida e às perdas em saúde?</i></p> <p><i>Considera por outro lado que as pessoas mais velhas têm conhecimentos e saberes que não são valorizados e com eles vai a nossa história e a nossa identidade local. Será que a valorização dos saberes e da identidade local associada ao envelhecimento facilitaria o processo de transição para a reforma?</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>minhas coisas e mexer e dar uma volta às coisas e me acontecer isso (...)</p> <p>E4 – (...)que deus se tiver que me levar que me leve de repente, mas não me deixe tar aqui ninguém, que eu não gosto que ninguém mexa nas minhas coisas (...)</p>	<p><i>Associa a velhice à dependência e à falta de autonomia para gerir o seu quotidiano, preferia não chegar a essa situação de não dominar a sua rotina e não pretendia ter alguém estranho a devassar a sua intimidade, preferindo antes morrer logo e sem sofrimento.</i></p>
		<p>Perceção das circunstâncias políticas</p>	<p>E1 – É injusto, é injusto, e esta coisa de se dizer que a gente gasta acima das, temos andado a gastar aquilo que não temos, é mentira(...)</p> <p>E1 – (...)a pessoa chegar aos cinquenta e oito, cinquenta e nove, ter as continhas feitas para uma determinada vida e de um momento para o outro mudam-se as regras do jogo(...) É que não há condescendência para ninguém(...)</p> <p>E1-É que hoje, nada do que estava prometido e do que estava acordado com o Estado, nada disso é certo, já reparou? É que o Estado devia funcionar como pessoa de bem. É que o Estado obrigou-me a descontar, não é, não me pôs mais hipótese nenhuma, podia ter posto a hipótese, olhe, você agora desconta para aqui, ou então faz o seu pé-de-meia e governa-se com o que quiser. (...)</p> <p>E1 – (...)eu admitia, sinceramente, estamos em crise, pah, estamos numa situação quase de emergência, pronto, quem está, por exemplo com mais de metade do compromisso assumido e portanto já descontou, fez todos estes descontos, as regras permanecem as mesmas, não é, quem entra agora as regras são estas e são para cumprir, porque se eu não tivesse cumprido... eu não podia dizer, olhe, estive a reunir lá em casa e a</p>	<p><i>Considera uma injustiça social a responsabilização individual das pessoas pela situação de crise que atravessa atualmente o país.</i></p> <p><i>O facto das pessoas mais velhas já não conseguirem tão facilmente alterar o curso da vida e procurar encontrar alternativas para manter o seu contexto socioeconómico, encontrando-se dependentes das pensões sociais, coloca-os numa situação de maior fragilidade social perante o contexto atual das políticas públicas.</i></p> <p><i>O estado já não é uma "pessoa" de bem? Rompe o seu contrato social com os trabalhadores que agora são pensionistas e se encontram na reforma?</i></p> <p><i>As pensões de reforma e os benefícios sociais a ela associados foram conquistas de um longo período de trabalho por parte dos adultos mais velhos, que descontaram para o sistema de segurança social na expectativa de receber o retorno da sociedade pela sua vida contributiva quando perdem a saúde e a vitalidade para continuar a exercer uma atividade profissional.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>partir de agora eu é que digo como é que é, não é, não podia fazer, mas eles podem, eles podem fazer tudo(...)</p> <p>E1 – (...)é o descalabro total e portanto não me sinto minimamente confiante, sinto-me o mais confiante que é possível mas não tenho a confiança absoluta como, por exemplo o meu pai teve, o meu pai sabia as regras, eram estas e quando chegou àquela parte, pronto, está reformado, tem isto e ainda teve, depois os acertos e a inflação, agora nós, a inflação é sempre negativa. (...)</p> <p>E3 – Apostou muito no desenvolvimento humano e esqueceu-se, aliás, os países nórdicos, isso é uma das coisas boas que têm, o tal apoio à maternidade, é que, até aos três anos elas continuam funcionárias, mas em part-time, com o ordenado por inteiro, não é a empresa que paga, é o Estado... não perdem o vínculo à empresa em que estão a trabalhar(...)</p> <p>E3 – (...)porque é mais importante é ser mãe e educar bem a criança para garantir o futuro daquele cidadão, porque nos esquecemos que o futuro deste país está na mão deles e nós de modo algum, nós só servimos de almofada(...)</p> <p>E3- (...) a questão da mudança contínua das regras do jogo. Claro que não é fácil sobreviver a isso e pelo contrário acho desonesto até que se sirvam de pessoas nesta fase para implementarem as medidas que estão a implementar (ham) mas, de facto esta minha forma de ser, de olhar o outro, deixa-me muito angustiada em relação aos mais jovens porque com regras alteradas tenho o mínimo de condições de sobrevivência</p>	<p><i>Consideram que a onipotência do Estado para cortar benefícios atribuídos e ganhos pelos próprios durante a vida ativa, e o questionamento associado ao Estado Social no contexto histórico atual, não é justo e gera um forte descontentamento.</i></p> <p><i>O contexto histórico e cultural atual gera desconforto e insegurança nos adultos mais velhos porque já não é certo aquilo que outrora projetaram para o final da sua atividade profissional, tal constrangimento pode dificultar ainda mais o processo de transição da vida ativa para a reforma.</i></p> <p><i>Se as perdas de saúde, de benefícios sociais e das condições económicas dos adultos mais velhos são superiores aos ganhos associados ao envelhecimento, face à conjuntura política atual e ao ambiente que rodeia os adultos mais velhos, maior dificuldade terão para conseguir com sucesso um envelhecimento bem sucedido.</i></p> <p><i>Valorização de políticas associadas à família e à maternidade como forma de contrariar o crescente envelhecimento demográfico e as dificuldades que daí subjazem?</i></p> <p><i>Considera que apesar de tudo os adultos mais velhos acabam por estar mais bem preparados para ultrapassar a crise atual, porque têm as casas pagas, os encargos são menores do que</i></p>
--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>considerando que, tendo vivido uma vida minimamente normal, tenho a casa praticamente paga, tenho a vida minimamente estruturada, a casa mobilada, tenho o mínimo de condições de sobrevivência, coisa que os nossos jovens, os nossos adolescentes, a minha filha inclusive, têm dez vezes mais esforço e sacrifício para organizar a vida dela e garantir um futuro de qualidade aos filhos dela (...)</p> <p>E3- (...) já destruíram os jovens, e eu não sei que país é que se perspectiva nestas condições, porque, ter que dar de comer a um filho e ter que pagar renda de casa e ter que mobilar a casa e ter que ter um colchão e ter que ter fraldas é muito mais difícil agora do que seria justo e humanamente sustentável (...)</p> <p>E3 – Numa Europa a envelhecer, num Portugal que já não tem população portuguesa quase nenhuma, eu não sei o que esperam desta juventude sem filhos.(...)</p> <p>E3- (...) com a democratização de Portugal no pós vinte e cinco de abril, com os direitos que os trabalhadores foram adquirindo ao longo dos tempos (ham) com as diuturnidades, com a minha equiparação a uma carreira única da carreira técnica superior, com um salário médio razoável, perspectivava sim, uma qualidade de vida que, nesta fase me está a ser retirada.</p> <p>E3- Fico alarmada como é que este novo governo faz isto, quer dizer, não dá nenhum valor à evolução societária, económica, social (ham) que este povo conseguiu fazer nestes últimos trinta anos e destrói assim tudo do nada, sem nenhum horizonte à frente</p>	<p><i>os mais jovens com filhos a cargo e sem emprego e perspectivas de futuro.</i></p> <p><i>Considera o contexto histórico e político atual muito mais difícil do que aquele que viveu durante a sua vida ativa, pelo que as pessoas atualmente na vida ativa vão ter mais dificuldades do que ela própria para ultrapassar os constrangimentos associados ao envelhecimento.</i></p> <p><i>Valorização de políticas associadas à família e à maternidade , favorecendo a taxa de natalidade e contrariando a emigração crescente dos nossos jovens como forma de contrariar o crescente envelhecimento demográfico e as dificuldades que daí subjazem?</i></p> <p><i>Constata que Portugal é cada vez um país de estrangeiros porque os jovens vão para o estrangeiro e não têm filhos devido à fragilidade socioeconómica, será as atuais políticas sociais estão a hipotecar o futuro da sociedade e a renovação de gerações contrariando o pressuposto do envelhecimento ativo que é a solidariedade entre gerações, quando uma geração se sobrepõe a outra? Em dimensão e em facilidade condições socioeconómicas, não será isso favorável a uma maior conflitualidade entre gerações?</i></p> <p><i>Com as atuais políticas sociais não estaremos antes a contrariar os pressupostos que</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>quer dizer, ainda pior, é destruir pelo prazer de destruir, não vejo nenhuma se me disser, vou aplicar esta medida porque no futuro tenho esta hipótese, mas não tenho hipótese nenhuma de futuro neste momento, pelo menos verbalizado por eles, lá a intenção com que estão, não sei.(...)</p> <p>E4 – (...)eu também já tenho esta idade, não sei os anos que vivo, mas isto é mal para os mais pequenos, isto vai estar mal, cada vez está pior, então onde é que se admite uma coisa destas que eles estão a fazer, e para vocês ainda pior (...)</p> <p>E4 – (...) porque eu não gosto assim muito de falar em política mas eu estou muito revoltada, estou, eu depois votar já não voto (...)</p> <p>E4 – (...)é isso, isso tá muito mal aqui em Portugal, e cada vez vai ser pior (...) isto não vai ficar por aqui, porque isto ainda vai dar uma reviravolta, as pessoas não aguentam, as pessoas não aguentam, é o gasóleo, é portagens, é tudo, é tudo, então como é que a pessoa aguenta, a pessoa que trabalha (...)</p> <p>E2 – (...)mas como já lhe disse, no questionário, fui obrigado a me vir embora, porque eu não tenho outros rendimentos que não sejam fruto do meu trabalho e como tal, pensei que, para conseguir manter o estatuto de vida que tive até aqui, tive que me vir embora, porque, se não tivesse saído, eu neste momento, pois, para lá caminho, se calhar, para lá caminho, não auferia aquilo que estou a auferir, porque estava a perder muito mais dinheiro, então tive...</p>	<p><i>consubstanciam o paradigma do envelhecimento ativo?</i></p> <p><i>Encontra-se descontente e desacredita da classe política, pelo facto de retirarem benefícios anteriormente garantidos o que os poderá colocar em situação mais vulnerável ao nível socioeconómico, quando tais medidas não eram expeáveis. Refere preocupação essencialmente em relação aos mais novos e a quem ainda está na vida ativa. Será este descontentamento em relação às circunstâncias políticas que não impele a uma maior participação cívica por parte dos mais velhos?</i></p> <p><i>As circunstâncias políticas obrigaram a reformar-se mais cedo do que gostaria e essencialmente para manter o seu estatuto social e as condições económicas que conquistou ao longo de uma vida de trabalho, pelo que optou para a reforma para que não fosse penalizado financeiramente pelas políticas públicas.</i></p> <p><i>Refere a mudança de políticas que alteram as expectativas em relação à reforma e dificultam</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			E2 – Das circunstâncias atuais e porque na altura, quanto mais tempo a pessoa lá estivesse, portanto, a regras foram... Mudando e mudava sempre para pior.(...)	<i>por tal facto a preparação deste novo ciclo de vida e poderão eventualmente dificultar o processo de transição.</i>
	Reforma	Significado da Reforma	<p>E1 – Parece que me reformei ontem. Um lapso de tempo. A gente nem dá pelas semanas... Que ainda agora são oito horas da manhã e eu levantei-me, hoje é segunda-feira e amanhã já é sexta. Percebe? Esta conceção de tempo, esta relatividade de tempo, fantástico que eu julgava, e pá, vou ter horas... tenho lido, agora tenho lido bastante.(...)</p> <p>E1- Estou satisfeito com o que tenho (ham) tinha perguntado a opinião das outras pessoas, também ainda não tenho... para já, não tenho grandes contactos também, não é, mas não notei assim crítica nenhuma, até porque, pronto, da minha faixa etária, uns estão em pré reforma, outros estão já na reforma, outros estão-se a querer reformar e já não podem, e isso é o feedback que eu tenho, de resto não, não tenho assim outra opinião, para já.(...)</p> <p>E1 – (...)e estou bastante contente por a ter tomado, mas sinceramente não me sinto, eu não me sinto reformado, pronto, não é bem aquele sentido da reforma, velhote, coitado, já está reformado, não, não me sinto nada, sinto-me bem, completamente bem.(...)</p> <p>E1 (...)o ar puro, a falta de relógio, a falta de horários, está tudo muito mais calmo. Agora é que, garanto-lhe que o tempo passa a correr. Continuo com esta, às vezes acho que me custava mais a passar o tempo lá do</p>	<p><i>O conceito de tempo muda aquando a reforma, quando menos se espera toma-se consciência que terminou a vida ativa e terá de se recriar modos de vida e de estar quotidianos, valorizando mais o ócio do que o trabalho e como fazê-lo?</i></p> <p><i>Considera-se satisfeito por estar reformado, mas ainda o está recentemente e ainda sente que é um processo em construção na sua trajetória de vida, a temática da reforma é algo que de certa forma é comum na sua rede social, embora em diversas circunstâncias.</i></p> <p><i>Não se revê na significação negativa/discriminação paternalista associada à reforma. Considera positiva a transição para a reforma, trazendo-lhe mais ganhos do que perdas, relativamente ao período em que tinha de exercer a sua atividade profissional. Considera que o tempo do não trabalho associado à reforma muito mais apreciável.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>que aqui.</p> <p>E1 – (...)foi tirar o relógio, nunca mais o pus, ainda no outro dia quis por um e todos estavam sem pilha ((risos))(...) tem sido uma maravilha, o tempo passa a correr, pá (...)</p> <p>E1 (...)estou, estou bem, neste momento estou bem, agora, isto o estar bem é um estado momentâneo, não é, é como ter dores e já não ter dores, pronto, a gente tem saúde, está muito bem agora, mas amanhã tem uma dor no braço, uma dor na perna, é tudo muito relativo. (...)</p> <p>E2 – No princípio não foi fácil, não foi, primeiro, segundo, primeiro ano foi terrível, segundo, terceiro, ainda hoje, hoje, pronto encaro a situação de maneira diferente, já não vou sentido tanto a falta da vida ativa, mas não consigo desligar do sistema (...)</p> <p>E2 – (...)sou um inútil à sociedade, agora, então, mas o que é isto? (...)</p> <p>E2 – (...) foi, uma grande mágoa de ter deixado de exercer a minha atividade (...)</p> <p>E2- Aí é que tomei a consciência de que ia fazer uma viagem que já não tinha retorno(...). Se quer que lhe diga foi muito difícil, se quer que lhe diga, que eu chorei, de noite chorei(...)</p> <p>E2 – Olhe, que eu sentia-me em casa... e agora? Estou aqui a fazer o quê?(...)</p> <p>E3- Vim para casa muito contente comemorar que já estava para perto, para breve, portanto, meti a catorze de outubro e reformei-me a trinta e um de dezembro</p>	<p><i>Ressalva que se sente bem reformado porque ainda se sente saudável, a saúde como fator preponderante na facilitação da transição da vida ativa para a reforma?</i></p> <p><i>A transição para a reforma foi difícil e traumática pelo facto de ter deixado de exercer a atividade profissional e se sentir inútil à sociedade, será pelo facto das relações familiares não expressarem um sentido de utilidade à reforma? Fata de apoio/suporte familiar, principalmente do cônjuge ainda ativo?</i></p> <p><i>Marcada identidade profissional que dificultou a transição para a reforma porque a sua vida rodava à volta do trabalho. Quando se reformou perdeu a rede social e a rotina diária a que estava habituado? Não encontrou ocupações/interesses novos na reforma que compensassem as perdas da vida ativa?</i></p> <p><i>Significação positiva relativamente à reforma,</i></p>
--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>desse ano(...)</p> <p>E3 – (...) ganhamos outra, tempo, temos todo o tempo do mundo, disponibilidade para ser quem somos, e acima de tudo a serenidade que nos pode e a tolerância que nos pode influenciar na sabedoria. Que é aquela serenidade de sentir o outro por aquilo que ele é e não por aquilo que eu gostaria que ele fosse, ou que eu sonhava que ele deveria ser, não é fácil, mas chegando lá até é muito agradável porque observar a vida na sua plenitude é sempre muito bom (...)</p> <p>E3- O maior ganho é o gulosar os netos, porque realmente a visão que eu tenho hoje e a sensibilidade e o tempo e a disponibilidade para brincar com os netos não tive enquanto mãe, e se não tivesse tido esta oportunidade de ser avó, não sabia o que é gulosar uma criança, porque uma coisa é educar e ajudar a crescer, outra coisa é ter este tempo para curtir (ham) isso é maravilhoso, mesmo a mãe, nunca eu tive tanta mãe, como tive depois de reformada(...)</p> <p>E3- (...) maior ganho é esta relação com os outros, este sentir os outros, contar com os outros, dispor deles (ham)</p> <p>E4- Do trabalho, do trabalho. Foi o maior desgosto que eu tive foi ser reformada e vir para casa, também(...)</p>	<p><i>sendo um processo administrativo rápido que a deixou feliz.</i></p> <p><i>Considera também o tempo do não trabalho muito mais gratificante e essa a recuperação do tempo, outrora ocupado com a atividade profissional muito positiva.</i></p> <p><i>Considera que a experiência de vida e a serenidade da idade são capacidades que facilitam os ganhos associados à reforma e uma maior facilidade nas relações sociais.</i></p> <p><i>Considera a reforma como um período da vida que lhe permitiu tirar partido das relações familiares e do convívio intergeracional com os netos.</i></p> <p><i>Pensa que ganhou efetivamente nas relações familiares, quer ao nível dos ascendentes como descendentes, bem como nas relações interpessoais, esses ganhos dão à reforma um significado positivo.</i></p> <p><i>Significado negativo associado à reforma, e ao regresso a casa ao quotidiano das tarefas domésticas.</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Razões para a reforma</p>	<p>E1 – (...) sou quase impelido, primeiro porque a reforma antigamente era aos sessenta anos e estes indivíduos mudam as regras do jogo a belo prazer (...)</p> <p>E1 – A empresa em que eu estava ia fechar, não há quem compre, não há dinheiro (...)</p> <p>E1- (...)se tivesse pedido em fevereiro já não a tinha e ficava sem reforma, ficava obrigado a aguardar até aos sessenta e cinco anos, sem qualquer rendimento porque um gerente não tem(...)</p> <p>E1- (...)eu não me importava de ter trabalhado até aos sessenta e cinco anos e não me sentia velho para deixar de trabalhar, percebe, foi mais uma solução do que propriamente. Uma solução de salvação, do que propriamente uma coisa pensada(...)</p> <p>E1-(...) se eu não tivesse pedido a reforma, por sorte pedi em janeiro, se eu pedisse em fevereiro, eu neste momento não tinha qualquer tipo de rendimento (...)</p> <p>E1 – Eu tinha as coisas programadas para trabalhar até aos sessenta e cinco (...)</p> <p>E2 – (...) para conseguir manter o estatuto de vida que tive até aqui, tive que me vir embora(...)</p> <p>E2 – (...)porque estava a perder muito mais dinheiro, então tive...(...) fui obrigado a me vir embora (...)</p> <p>E2 – Mudando e mudava sempre para pior (...)</p> <p>E3 – (...) à época era esse o período da reforma completa(...)</p> <p>E3- (...) a minha ansiedade de reforma, na altura, já era avó, já me tinha nascido a minha primeira neta e a minha filha estava realmente com muitas dificuldades</p>	<p><i>Reformou-se devido às circunstâncias políticas (legislativas), socioeconómicas e contexto histórico.</i></p> <p><i>A empresa da qual era gerente iria encerrar e não teria direito a benefícios sociais (apoio financeiros em situação de desemprego).</i></p> <p><i>As alterações legislativas devido à atual conjuntura política e histórica de crise económica e de eventual falência do sistema de segurança social face ao envelhecimento da população e peso das pensões sociais, mudando as regras da reforma, impeliram-no para a reforma ainda sentindo-se capaz e ativo. Se não optasse pela reforma antes da data normalizada, perdia benefícios sociais ou seria obrigado a trabalhar mais tempo do que expectável.</i></p> <p><i>São também as circunstâncias políticas e o contexto histórico atual que impelem o sujeito a reformar-se embora se sentisse capaz para continuar a trabalhar.</i></p> <p><i>As perdas ao nível económico caso não antecipasse a saída do mercado de trabalho eram mais importantes do que os ganhos da manutenção da vida ativa, mesmo com uma marcada identidade profissional no seu discurso narrativo? Será porque é proveniente um contexto socioeconómico mais desfavorecido e teve uma trajetória de vida mais conturbada para ascender socialmente?</i></p>
--	--	-------------------------------------	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>de trabalho, para, (ham) para conciliar o trabalho e a educação da filha, para além de que eu tinha a minha mãe a fazer oitenta e (...)</p> <p>E3- (...) emocionalmente já estava muito dividida entre a escola e ver a família em casa a precisar de assistência.</p> <p>E3 – (...)eu saí porque o C₁ estava para nascer, tinha o apoio da C₂ que já estava crescadinha, mas era ao contrário, a minha filha vinha pô-la.</p> <p>E4 – Mandaram-no embora mas tudo, eles mandaram-no para casa aos cinquenta e quatro e deram-lhe o ordenado por inteiro junto com o fundo de desemprego até aos sessenta e depois deram-lhe a reforma antecipada.(...)</p> <p>E4 – Sempre gostou de Portugal, quer dizer, ele gostava da Alemanha para viver, mas ele nunca gostou do país.(...)</p> <p>E4 – Não, o meu marido já estava reformado e ele sempre disse, quando tivesse reforma que ele vinha para o país dele, isso já eu contava sempre que ele queria vir, agora eu que gostava, eu gostar, gostar, não gostava, mas eu gostava de vir era com a idade da reforma (...)</p>	<p><i>O estatuto social foi conseguido pelo percurso educativo e profissional?</i></p> <p><i>A razão da reforma foi essencialmente a família, a sua identidade pessoal está muito direcionada com os ganhos que tem com a família, foi uma forma de compensação para otimizar e ser bem-sucedida na reforma. Não tem uma marcada identidade profissional, valorizando antes o apoio/suporte familiar.</i></p> <p><i>Reformou-se e veio para Portugal por causa do marido que se reformou antecipadamente e nunca gostou de viver na Alemanha, foi forçada a reformar-se pelas circunstâncias familiares e por isso, embora contrariada, também se reformou mais cedo, para que pudesse regressar a Portugal e acompanhar/apoiar o marido. Será esta a principal razão de uma transição inicial para a reforma mais dolorosa?</i></p> <p><i>A E4 não refere grandes expectativas face à reforma. Apenas refere que, caso aconteça o pior e fique sozinha, gostava de voltar para a Alemanha para ao pé das filhas. Será que a incerteza existente relativamente ao estado de saúde do marido condicionam o planeamento de projetos futuros?</i></p>
	Expetativas face à Reforma	<p>E1- Gostava de fazer a tal vida como eu lhe tinha dito. Ir aos meus concertos. Em solteiro íamos à Gulbenkian, depois dado ao tipo de vida que a gente,</p>	<p><i>Considera que o período da reforma lhe vai permitir recuperar interesses e atividades que não conseguia realizar devido à atividade profissional.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>nós próprios, acabei por abdicar de quase isso tudo e agora gostava de retomar um bocado. (...)</p> <p>E1 - Sempre, sempre, são coisas que eu gostava de ter feito mais cedo, mas o ritmo era de tal modo, que não dava, quer dizer, tempo arranja-se sempre, quando a gente tem vontade () o ritmo muito acelerado, quando arranjo um bocadinho de tempo, eh pá, agora não, já não me apetece fazer nada (...)</p> <p>E1 – (...)fazer assim umas pinturas, está a ver isso das pinturas já vêm do tempo do liceu, quando estava para ir para arquitetura, mas nunca concretizei e continuo ainda sem concretizar, por uma questão de tempo, mas vou, tenho ali a minha bancadazinha, tenho ali a minha ferramenta...(...)</p> <p>E1 – (...)estava com vontade de ir bater à Universidade do Algarve para ver o que é que há para seniores.(...)</p> <p>E1 (...)o nosso gosto era os netos, ficarmos a tomar conta dos netos, isso é que...(...)</p> <p>E2 – (...) perspectivas após a reforma eu não tinha muitas porque como sabe, saí abruptamente e como tal as expetativas, quer dizer, como não foi nada programado, percebe, portanto, não tinha grandes expetativas, ia experimentar uma vida nova(...)</p> <p>E2- (...) foi uma sensação terrível, porque é aquela viagem que não tem retorno e depois, a expetativa, comecei a interiorizar, o que é que vai ser de mim agora, percebe, essa foi a questão(...)</p> <p>E2- Se tivesse sido alguma coisa preparada antes, eventualmente teria expetativas, vou tentar fazer isto,</p>	<p><i>Considera que o tempo é um ganho muito compensatório da reforma.</i></p> <p><i>Refere como interesses a pintura que pensa vir a desenvolver durante a reforma e também a arquitetura área na qual pretendia ter estudado e não o fez por ter ido trabalhar para a empresa do pai.</i></p> <p><i>Gostava de voltar a ingressar na Universidade, no ensino superior mas adaptado aos adultos mais velhos.</i></p> <p><i>Valoriza igualmente a família e o convívio intergeracional. Valoriza as relações familiares e o apoio e suporte familiar ao longo do seu discurso narrativo.</i></p> <p><i>Não houve qualquer preparação para a reforma e como tal não criou expetativas, muito pelo contrário considera que foi um período muito doloroso logo após a reforma e ainda bem presente no discurso narrativo do sujeito essa mágoa pelo termo da sua atividade profissional.</i></p> <p><i>Confrontado com a reforma teve de recorrer às suas capacidades criativas (agency) para encontrar estratégias para ultrapassar os</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>isto e aquilo, mas não, como saí abruptamente, as expetativas, depois, quando confrontado com a situação tive que imaginar, arranjar estratégias de modo a me sentir menos mal(...)</p> <p>E2 – Não me preparei nada, aquilo foi decisão, e se quer que lhe diga, do lado de uma situação...(...)</p> <p>E2- (...) isto é uma situação que muita gente não, não estudou, não fez a previsão ao que iria acontecer, este fenómeno, nomeadamente as pessoas que se aposentaram com minha faixa etária(...)</p> <p>E2- Se tivesse preparado para a reforma... pois... muito sinceramente, não sei o que é que faria, eu possivelmente se tivesse tido uma preparação antes, se calhar tinha perspetivado alguma coisa, percebe?</p> <p>E2-(...) chega uma altura que nós queremos um bocadinho de descanso, agora, podemos ser uteis, sim, podemos ser uteis e de facto, se me convidassem para algo que eu pudesse colaborar, que podia ser útil, sei lá, nos conhecimentos que eu possa transmitir ou receber, tudo bem, agora....(...)</p> <p>E2 – (...) mas gostaria, efetivamente de ser mais útil, nomeadamente no meu concelho (...).Por exemplo, na toponímia (...)</p> <p>E2- (...)em todo o concelho devia haver uma legenda mínima onde pudesse identificar ou a pessoa ou a entidade porque muita gente ignora. Uma forma que eu podia trabalhar, podia trabalhar nisso, por exemplo, por exemplo, ou outra situação (...)</p> <p>E3 – Tinha muitos projetos para fazer <i>n</i> coisas. Para já</p>	<p><i>constrangimentos associados à reforma.</i></p> <p><i>Considera que deveria haver da sociedade um apoio às pessoas que se reformam tão cedo (reformou-se aos 58 anos)</i></p> <p><i>A entrevista facilitou ao sujeito refletir sobre a reforma e o que fazer neste período da vida, principalmente porque tinha uma forte identidade profissional e social ligada à atividade profissional.</i></p> <p><i>Considera que apesar de pretender ter um ritmo de vida mais calmo do que aquele que tinha durante a vida ativa, não significa que deixe de ser útil à comunidade.</i></p> <p><i>Tem uma forte identidade local e gostaria de contribuir com atividades que valorizassem a sua terra natal.</i></p> <p><i>Refere que gostaria de contribuir para a toponímia do concelho, agora que tem tempo livre, identificando e referenciando os feitos das pessoas e identidades que dão nome às ruas.</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>adorava ir a congressos e conferências e pensei que iria a muitas... (ham)... ofereci-me, convidada e aceitei, mas queria mesmo integrar a Comissão, a CPCJ, Comissão de Proteção de Menores. Fui em representação da Assembleia Municipal e... estava toda convencida que ia continuar a fazer algumas coisas (...)</p> <p>E3 – (...) nunca me passou pela cabeça que a reforma fosse para estar quieto(...)</p> <p>E3 – (...) quando me reformei um dos sonhos era com um contador de histórias, o M₁, é um espetáculo como contador de histórias e animador sociocultural e socioeducativo. O nosso sonho era montar aqui em Lagoa uma escola da criatividade (...)</p> <p>E3 – (...)aquilo que eu gostava mesmo era de andar aí e nessas organizações internacionais a viajar pelo mundo, onde houvesse catástrofe eu gostava de estar (ham) (...)</p> <p>E3- (...) sonhamos, arranjar uma carrinha e fazer uma visita aqui pelo concelho, porque havia, não era só a minha mãe, havia uma série de senhoras que estavam e senhores, que estavam isolados aí em casebres e então, o objetivo do M₁, como contador de histórias que era, era conseguir fazer a recolha da tradição oral deste concelho, até para depois se transpor para as Ideias do Levante enquanto teatro ou musica, tanto fazia (ham) e então era a proposta de arranjarmos a carrinha, de arranjarmos uns contadores de histórias e alguém que quisesse conviver e, contactando com familiares, irmos</p>	<p><i>Preparou a reforma e quis envolver-se em vários projetos e atividades, ainda participou na CPCJ, nunca quis ficar sem fazer nada e por isso preparou-se para essa fase da sua vida. Foi a dependência da mãe e as relações familiares intensas que não lhe permitiram dar continuidade a esses projetos ou outras circunstâncias?</i></p> <p><i>Querida abrir uma escola de criatividade, mas a pessoa com quem o projetou saiu do concelho.</i></p> <p><i>Gostaria também de viajar pelo mundo em organizações de solidariedade, não faz por causa da ligação familiar e por ser o suporte da família?</i></p> <p><i>Refere que gostaria de ter realizado como projetara a recolha de histórias de tradição oral através de uma Instituição cultural do concelho, visitando os idosos isolados e a viver sozinhos, por forma a contrariar a solidão e valorizar a cultura da terra. Foi por não continuar a ter esse suporte do amigo que não avançou com o projeto ou foi as condicionantes associadas ao suporte familiar?</i></p>
--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>semanalmente, uma ou duas vezes a essas casas (...)</p> <p>E3 – (...) dinamizar essa pessoa, estimular o diálogo e tentar obter informação, com registo dessa informação (...)</p> <p>E4 – (...)talvez fosse um passo que eu vá dar ainda, mas não viver com as minhas filhas, estar com a reforma e aquela coisa, mas juntava e um quartinho, e as minhas filhas que me ajudavam e isso e /tenha carro ainda/, os meus netos têm carro, elas têm carro, se fosse preciso elas íam comigo, pronto, mas não digo a vida como faço aqui, porque talvez não sei onde hei de tocar né, mas lá as alemãs são muito amigas, a gente vai comer fora tá, uma três vezes por semana, cada um paga a sua refeição e ali arranja-se, também se ajeita... eu também sei falar alemão, pois aí pronto, estava como eu queria, por isso já de si amizades quando a pessoa tem esse feitio apanha em qualquer lado...</p> <p>E4 – (...)e fosse uma coisa “diabo seja surdo e mudo” que eu não fiz nada, mas se alguma coisa acontecesse e não tivesse possibilidades ou não sei a minha vida também, aaahh, talvez fosse um passo que eu vá dar ainda, mas não viver com as minhas filhas, estar com a reforma e aquela coisa, mas juntava e um quartinho (...)</p>	<p><i>Demonstra necessidade de estar junto das filhas, subentendendo-se que se não fosse o casamento teria uma reforma diferente.</i></p> <p><i>Possivelmente teria permanecido na Alemanha a acompanhar as filhas e os netos cujo apoio/companhia valoriza. Considera regressar à Alemanha um dia mais tarde n(caso fique sozinha e viúva), no entanto não pondera ficar dependente dos filhos, mesmo regressando à Alemanha para junto da família quer ser autónoma. Só o marido é que a mantém em Portugal, não era sua vontade regressar, daí a transição para a reforma mais difícil.</i></p> <p><i>Não quer ficar dependente das filhas mesmo que regresse à Alemanha para viver com elas, quer viver autonomamente financeiramente e ao nível habitacional.</i></p>
Capacidade de Agency	Constrangimentos Estruturais e Pessoais	Condicionantes familiares	<p>E1 – Só que eu ainda não estabilizei devidamente, o facto da minha mãe prende-nos um bocado.(...)</p> <p>E1- Pois, é isso, o meu filho, como fica cá cinco semanas, é diferente, não é, agora a minha filha já não</p>	<p><i>Por assumir o papel de cuidador com a mulher durante a reforma não lhe deixa tempo para refletir e usufruir da reforma, realizando as atividades que perspetiva.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>é tão fácil. (...)</p> <p>E1 – (...)a minha mãe, está na situação que está, mas enfim, já com noventa anos, não podemos exigir muito mais (...)</p> <p>E1- (...)a minha mãe, nem tanto porque tenho a minha mãe e ela é que cuida dela e é um sacrifício muito grande (...)</p> <p>E1 – (...) o vir cá para baixo com ela era mais uma solução, porque assim também já tínhamos disponibilidade de tratar dela, havia a hipótese também de a por num lar, não é, fugimos sempre um bocado a essa solução, uma questão, também, não temos grande confiança nos lares (...)</p> <p>E1 – (...)é que acabamos por ficar muito dependentes desses horários todos, ora, nós assim já estamos presos porque não podemos sair daqui assim de qualquer maneira, não é, às vezes para ir às compras, já vamos a correr e não sei o quê, mas, quer dizer, temos a liberdade de dizer, bom, neste dia a gente pode ir. Ali não, estamos condicionados, que vêm, não sei a que horas vêm fazer a limpeza, depois não sei a que horas é que vêm fazer, dar a alimentação, mas por aquilo que eu vejo, às cinco e tal da tarde já estão a dar o jantar, julgo eu, vejo ali o carro parado numa vivenda. (...)</p> <p>E3 - (...) mas de facto tudo se tornou muito complicado. A minha mãe, acho que também estava ansiosa por me apanhar em casa e começou a desassossegar. Penso que terá começado com alguns picos de Alzheimer, não sei se é, se é arteriosclerose, se</p>	<p><i>Não tem suporte familiar para descanso de cuidador, o filho fica em casa dos pais periodicamente mas a filha está longe no estrangeiro, o que dificulta essa solução. Estão sem suporte/apoio dos filhos que se autonomizaram?</i></p> <p><i>Prefere assumir o papel de cuidador a institucionalizar a mãe. Será reflexo da valorização do contexto familiar e do apoio/suporte familiar e pelo facto de atribuir uma conotação negativa à resposta social Lar disponibilizada pela comunidade.</i></p> <p><i>Considera que o facto de assumir, ele e a mulher, fala sempre no plural, o papel de cuidadores não lhe facilita a oportunidade de participar em outras atividades e de desenvolver os seus interesses, isolando-se da comunidade.</i></p> <p><i>Considera que o serviço de apoio domiciliário também não dá uma resposta adequada por que tem uns horários muito rígidos e pouco flexíveis com a dinâmica familiar. Razão pela qual preferiu ele e a mulher assumir a função de cuidadores da mãe.</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>é outra coisa qualquer, um diagnóstico a sério, não tenho, mas daí para a frente, realmente começou um pouco da degradação.(...)</p> <p>E3 – (...) se eu saísse de casa podia encontrar o caos no meu regresso, por um lado, por outro lado, mesmo chegando e estando tudo aparentemente bem, estava uma grande confusão, as panelas fora do lugar, as roupas todas reviradas (...)</p> <p>E3 –Eu não tinha condição para garantir certinho que todas as vezes eu podia ir, porque com a mãe que tinha, como estava, com o ((Contador de Histórias)) era impossível (...)</p> <p>E3- Sim, mas não deu, porque eu comecei a falhar... É angustiante uma pessoa saber que tem que sair, porque marcou sair e ao mesmo tempo estar em pânico lá, a pensar, o que é que está a acontecer atrás de mim (...)</p> <p>E3 – O meu vizinho aqui da frente veio salvar a minha mãe, porque tenho a chave ali. Começou a cheirar-lhe a queimado. Ele meteu as travessas de plástico no forno e ligou o forno. Coisas assim, não tem nada de especial, mas de facto, é perigoso. (...)</p> <p>E3- Se não tivesse netos e se não tivesse aquela parte da família que eu assumo e realmente me castrou muito mais do que qualquer outra coisa (...)</p> <p>E3 – (...)mas o estar aqui presa, a minha mãe ainda estar viva e são os netos para criar e de facto isso deixa-me assim, a não pensar, não me quero frustrar, portanto não penso em nada (...)</p> <p>E4 - foi um grande, grande, grande isolamento para ela</p>	<p><i>Também assumiu o papel de cuidadora logo após a reforma da mãe. Relata que a saúde mental da mãe degradou-se e não a podia mais deixar sozinha constituindo-se um perigo para ela própria e para os outros.</i></p> <p><i>Foi pelo facto de ter assumido o papel de cuidadora da mãe que teve de deixar os projetos em que se envolveu logo que se reformou, não obstante a expectativa positiva relativamente a esta fase da vida.</i></p> <p><i>A mãe tornou-se totalmente dependente da sua presença e companhia para evitar acidentes.</i></p> <p><i>A sua identidade social está muito ligada à família, à filha, aos netos e mesmo à mãe que já se encontra num Lar, que não lhe permite concretizar os projetos que tinha e a condicionam a ficar mais isolada.</i></p> <p><i>Refere que a situação de saúde da mãe provocou o isolamento social e espacial das</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>e para mim (...)</p> <p>E3 – Nós aqui já nem conseguíamos conversar porque já nem tínhamos nada para dizer, porque eu não ia ver nada.(...)</p> <p>E3 – Esse foi o nosso sonho, não foi muito fácil sair do sonho, ficámos só por ele porque as dificuldades financeiras começaram mais ou menos nessa altura, as limitações também e eu fisicamente disponibilidade também não tinha muita para agarrar o projeto, mas esse seria um projeto que eu facilmente abraçaria(...)</p> <p>E3 – A não concretização passa por tudo que já referi, que é o facto de também à família não serem dadas as mínimas condições de sobrevivência, então a total interdependência entre, já não chegava a minha mãe, que atingiu uma certa idade, mas os mais novos, também, continuam eternamente dependentes(...)</p> <p>E3- Enquanto estudantes, enquanto vida ativa, enquanto casal, enquanto tudo. Se não são os pais a sustentá-los eles não têm como viver (...)</p> <p>E3- E eu tive que reaprender a conhecer a minha mãe numa outra idade, e essa reaprendizagem passou pelo jogo do faz de conta, então se eu brinco ao faz de conta com os netos, porque não brincar com a mãe (...)</p> <p>E3- (...)alguns filhos desesperados não sabem o que fazer, nem como lidar, eu entendo perfeitamente.(...)</p> <p>E3- Para mim, por a minha mãe no lar foi horrível porque é fazer luto de mãe viva. Foram dois ou três anos em que eu não consegui mexer uma palhinha do que está aqui em casa.(...)</p>	<p>duas.</p> <p><i>Refere que as condições económicas e principalmente os constrangimentos familiares que lhe condicionaram os ganhos que associava ao período da reforma.</i></p> <p><i>Refere ser este tipo de projetos comunitários de âmbito socioeducativo que a interessavam desenvolver.</i></p> <p><i>É suporte para a família, mesmo a nível financeiro e apesar da mãe se encontrar no Lar continua a assumir o papel de cuidadora dos netos, condicionando a sua vida quotidiana depois da reforma.</i></p> <p><i>Considera também que o contexto social atual de crise económica ainda torna os filhos e os netos mais dependentes dos avós.</i></p> <p><i>Reconstruiu a sua identidade após a reforma em função do seu papel de cuidador. A mãe condicionou a sua vida quotidiana após a reforma e hoje são os netos e a filha que também a condicionam. Refere que teria sido mais fácil se tivesse algum apoio externo, mas que nunca o conseguiu.</i></p>
--	--	--	--	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E3- Claro que eu preferia de longe tê-la aqui, com algum apoio, isso preferia, porque nada, nada, nada, nada se iguala ao toque, o toque físico(...)</p> <p>E3- Ficava talvez muito mais em conta ter alguém que me apoiasse, agora, pessoas, ainda tentei arranjar uma senhora, uma vez ou duas mas a minha mãe era muito desconfiada, corria com as pessoas daqui porque estava naquela fase que lhe roubavam tudo (...)</p> <p>E3-(...) são estes pequenos nada mas que acaba por ser violento, quem tem que ir trabalhar e tem que deixar as coisas organizadas, não é fácil(...)</p> <p>E3- Tenho que ir buscar um à creche, tratar do outro, visitar a mãe e depois ficar à espera que a filha chegue do trabalho, tanto pode ser às oito, como às nove, como às dez, às onze, dependendo se tem ou não tem reuniões (ham) nunca sei a que horas chego a casa(...)</p> <p>E3 – (...)a minha filha ainda continua a precisar de mim, já tenho mais um neto (...)</p> <p>E4 – (...), agora ele está doente, mas vamos ver como é que as coisas vão correr e então é uma atividade que eu de todas, a que mais gosto (...)</p> <p>E4- (...)as minhas colegas entraram em novembro ((no cavaquinho)) mas como ao meu marido deu-lhe um AVC em novembro, depois estive a minha filha cá dez dias, da Alemanha para dar apoio à gente, eu na altura não pude ir, então eu só comecei depois do ano novo, eu, em Janeiro(...)</p> <p>E4- (...)eu amanhã também queria ir às caminhadas do luar, começam, já começou, mas eu não pude, foi</p>	<p><i>Marcou-a profundamente a doença e a dependência da mãe porque lhe defraudou as expectativas positivas que tinha em relação à reforma. Mesmo preparando a reforma se o contexto familiar e socioeconómico e mesmo as circunstâncias políticas e culturais não favorecerem, dificulta aos adultos usufruir desse período da vida.</i></p> <p><i>Refere que o seu desejo era estar junto das filhas e dos netos. Será que sente necessidade de prestar apoio, nem que seja a nível afetivo aos filhos? Compensa esta necessidade com as atividades que desenvolve na comunidade? Se estivesse junto dos filhos procuraria de forma tão ativa as atividades colocadas ao dispor pela comunidade?</i></p> <p><i>A sua função de cuidadora do marido condicionou todo o seu processo de transição para a reforma, porque valoriza o compromisso assumido com o marido, no entanto preferia antes manter-se junta das filhas, netos e genros.</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>naquele dia que tive de ir buscar o meu marido ao IPO(...)</p> <p>E4- Está a ver, está deitado ainda é pior. Agora é aquela coisa, aquela aflição, agora dia vinte e dois vai fazer de novo o controle, vamos lá ver. Isto é complicado, mas pronto, já estou como o outro, já me habituei, que remédio, a gente tem que se habituar.(...)</p> <p>E4- (...)eu, o maior desgosto que eu tenho é de, de estar aqui no Algarve, ter a casa como tenho, mas agora também estar longe da minha família, a minha família, os meus filhos, o meu genro, e os meus netos é tudo!</p> <p>E4- (...)chorava por tudo e por nada, sentava e vá de chorar, pois uma coisa, limpava a casa já estava a acabar de chorar e mais então aonde é que estou e foi assim (...)</p> <p>E4 - (...)em dois mil e quatro teve um AVC, um enfarte, teve ainda duas semanas internado, veio, passado, ora, foi em, passado cinco anos, foi em dois mil e nove, pois foi descoberto aquilo, tamos em dois mil e treze e sempre o a acompanhar (...)</p>	<p><i>A sua transição para a reforma foi extremamente dolorosa e a vinda para longe da família que se encontrava junta na Alemanha. De facto o suporte familiar é essencial na transição para a reforma.</i></p> <p><i>Refere que estava depressiva e dedicava-se apenas às tarefas domésticas. O isolamento social é uma condicionante e dificulta o processo de transição da vida ativa para a reforma.</i></p> <p><i>A situação de saúde do marido está a condicionar a sua vida após a reforma, será</i></p>
		<p>Condicionantes económicos</p>	<p>E1 - (...)a situação se pôs, da minha mulher, com sessenta anos, quais são as perspetivas de emprego? É que não tem perspetivas de emprego, aos quarenta já não tem, quanto mais aos sessenta, quem é que vai empregar uma pessoa de sessenta anos (...)</p> <p>E1- Mas estou mesmo a ver que vai-se passar este período e é menos um rendimento que entra.(...)</p> <p>E1 - (...)eles agora querem tudo aos sessenta e cinco,</p>	<p><i>As circunstâncias políticas e culturais com o aumento da idade da reforma e a dificuldade em arranjar emprego em idades mais avançadas é uma condicionante económica para usufruir do tempo da reforma.</i></p> <p><i>O desemprego da mulher e a espera pela idade normalizada para aceder à reforma, bem como as incertezas relativamente à proteção social que virá a usufruir também condicionam</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>aliás eles nem querem aos sessenta e cinco, eles querem sessenta e cinco mais não sei quantos meses que é para dar o esquema que eles querem (ham) portanto, aí é um rendimento que a gente perde, vamos lá ver, estou convencido que a gente aguenta, não tenho vícios, olhe, não bebo, não fumo ((risos)) não tenho grandes...(...)</p> <p>E2 – (...), porque eu neste momento vou muito ao lar, quase todos os dias, tenho ali a minha mãe e vejo (...)</p> <p>E2 – Não, não. Nunca tive com ela a meu cargo. Houve uma altura quando o meu pai faleceu, ela foi-se muito abaixo, ainda pensei que isto agora é dois em um, ainda fiquei ali em casa um mês, praticamente... mas agora não, ela também não tinha condições para estar sozinha e eu não tinha condições para dormir ali e depois ir para casa, pronto e na altura apareceu vaga ali (...)</p> <p>E3 – (...) a minha filha não tem a mínima condição de me apoiar se eu ficar inutilizada, ou se realmente ficar incapacitada, a minha filha não tem nenhuma condição de me apoiar a mim como eu estou a apoiar os meus pais, apoiei o meu pai e agora a minha mãe (...)</p> <p>E3 – (...) deixou-nos alguma qualidade de vida para podermos garantir isso. Eu não tenho a certeza de conseguir isso para a minha filha e isso angustia-me muito mais (...)</p> <p>E3 – (...)um país que não se organiza para a autonomia, mas para a interdependência geracional, eu não entendo, como é que se pode conceber que um</p>	<p><i>negativamente a transição para reforma.</i></p> <p><i>Optou por manter a mãe no Lar do que esta permanecer em sua casa, possivelmente porque detém condições económicas atualmente para o fazer e porque não conseguia assumir a função de cuidador, a esposa permanece na vida ativa e esse constrangimento possivelmente teve na origem da opção pela institucionalização da ascendente apesar de ele próprio lhe atribuir uma conotação negativa.</i></p> <p><i>Considera que os mais novos não terão condições económicas de garantir o apoio aos pais, como a própria o fez e continua a fazer. O contexto atual de crise e as perspetivas de perdas relativamente aos benefícios sociais preocupam-na porque considera que a filha e os netos não terão a mesma qualidade de vida que ela agora tem e têm agora e terão ainda mais dificuldades do que ela própria.</i></p> <p><i>Considera preocupante o desemprego dos jovens licenciados e a perda de rendimentos dos mais novos. A preocupação com os filhos e o suporte concedido à família dificulta o processo de transição d a vida ativa para a reforma e condiciona um envelhecimento bem</i></p>
--	--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>jovem, licenciado, pode estar a sobreviver pagando casa, comida e criando filhos, quer dizer, como é que é possível, um país da Europa, idealizar um país que a única oferta que tem para a sua juventude é isto(...)</p> <p>E3 – Dificulta a vida dos reformados e agora, atacando também os reformados, a juventude fica sem acesso a nada. Isso é que eu acho que é um tiro no pé(...)</p> <p>E4 – (...)se eu tivesse a viver em Portugal eu não tinha comprado uma casa e pagá-la logo, essa é a numero um (...)</p> <p>E4 – (...) isto aqui é uma miséria o que me dão aqui, mas pronto a miséria que me dão, tou como o outro, pago o telefone, tv cabo, luz e água, né, já é dinheiro que não via, é, mas agora pronto, imagine, se fosse para comer e para tudo, como a vida está, onde é que dava, como muitos, eu sei de pessoas coitados, isto não dá (...)</p> <p>E4 – (...) eu tenho uma irmã que também trabalhou trinta e tal anos e está a ganhar trezentos e noventa euros (...)</p> <p>E4- (...)porque eu gosto muito dessas coisas, folclore, quando era mais nova eu queria, mas a gente não podia, na altura quem mandava na gente era as nossas mães e a gente não podia e então tínhamos que trabalhar (...)</p> <p>E4 – (...)as pessoas estão a apanhar depressões, muita, muita gente, muita gente, tão a apanhar muito depressão por causa da falta do dinheiro, tem sim senhora, as pessoas não podem viver assim é</p>	<p><i>sucedido aumentando as perdas em relação aos ganhos, apesar da tentativa de otimizar os recursos disponíveis, quer sejam os individuais quer sejam os da comunidade. Será o contexto socioeconómico e as circunstâncias históricas preponderantes.</i></p> <p><i>Demonstra a importância de ter vivido no estrangeiro para ter a qualidade de vida que tem atualmente. Será isto uma desigualdade social e económica verificada entre países europeus que pode determinar também uma desigualdade em matéria de saúde entre cidadãos de diferentes países europeus?</i></p> <p><i>Refere claramente que se vivesse apenas com a reforma portuguesa não conseguiria satisfazer as necessidades básicas? Estamos perante desigualdades entre idosos? Porque é que uma pessoa que trabalha trinta anos na Alemanha recebe uma reforma maior do que outra que trabalha trinta anos em Portugal?</i></p> <p><i>Só teve oportunidade de realizar determinadas atividades recreativas após a reforma, porque quando era jovem e dependente da família tinha de trabalhar face ao contexto socioeconómico mais desfavorável da família. A reforma constitui-se portanto como uma oportunidade.</i></p> <p><i>Associa problemas de saúde mental a constrangimentos económicos.</i></p>
--	--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			impossível, então a pessoa a querer comprar um medicamento(...)	
		Condicionantes Sociais	<p>E1- Eu sinceramente, eu pessoalmente não sinto, mas também não tenho vivências, em termos de tempo para sentir, não é, por acaso, no, já não me lembro bem onde é que foi, acho que foi num organismo qualquer do Estado, que eu ia fazer um requerimento, fazer qualquer coisa e quando virei costas ouvi a senhora a dizer para a do lado “ È reformado” Eu por acaso estive para voltar para trás, eh pá, não vale a pena, perguntar-lhe porquê, não é? «Porque é que ela teve de dizer isto à colega do lado?(...)»</p> <p>E1- Sinceramente não me tenho sentido discriminado, mas como lhe digo, também não tenho tido tempo suficiente nem vivências com pessoas (...)</p> <p>E1 – (...)sinto falta de cinema, porque fecharam os cinemas todos (ham) e agora que teria tempo, isso sinto um bocado falta de concertos, gostava de assistir a concertos aqui na zona e vou ver ali a Visão que por exemplo trás o programa todo de concertos e não sei o quê, Lisboa, Lisboa, Lisboa, agora é que eu me apercebo que Lisboa, afinal, ali é que havia de tudo, não é?</p> <p>E1 - Não existem, não tenho confiança nenhuma, vamos vivendo o dia a dia, como é que isto vai, mas não há confiança absoluta porque não, estes indivíduos não me inspiram confiança, pura e simplesmente não me inspiram confiança, mas não são só estes, estes e outros.(...)</p>	<p><i>O sujeito tem consciência do idadismo e da conotação negativa associada à reforma. Mas como o processo de transição para a reforma ainda é recente, provavelmente ainda não experienciou o paternalismo associado ao envelhecimento por parte da sociedade.</i></p> <p><i>Refere que culturalmente não tem as escolhas e as oportunidades que tinha no grande centro urbano em Lisboa na capital onde desenvolveu a sua vida ativa, esse é um constrangimento que associa ao facto de ter optado por mudar de residência após a reforma. Refere os concertos e o cinema.</i></p> <p><i>Sente uma grande insegurança relativa ao futuro face ao atual contexto social e económico, bem como relativamente às circunstâncias políticas.</i></p> <p><i>Refere que o corte das pensões não é devidamente refletido, bem como os cortes nos salários, defraudando as expetativas das pessoas e gerando maior vulnerabilidade social. Remete para o contexto histórico de Portugal que sempre viveu em crise e com os governantes a gastar mais do que deviam para justificar o contexto social atual de maiores dificuldades das pessoas.</i></p> <p><i>Será que uma plataforma representativa dos</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E1 (...)quando se vê políticas baseadas só em regras matemáticas, que é aquelas regras do nosso ministro das finanças, nem sei se aquilo foi ensaiado em alguma parte do mundo, que está munido é daquele grupo de teóricos que acha que deve ser assim, pronto, se falta dinheiro, corta-se nas pensões, corta-se nos reformados, corta-se nos trabalhadores, corta-se na função pública, pronto, é fácilimo, então não é fácil cortar, é fácilimo, os dramas que isso vai fazer, que isso vai provocar, os dramas individuais eles dizem logo, não, não, a gente não vai ficar a pensar no zé que vai ficar sem emprego, e pá, isso é uma fatalidade</p> <p>E1 - As crises não duram sempre, não é, isto é, é certo que Portugal já vive em crise há desde há dois séculos, ou três, desde que os reis gastavam mais do que o ganhavam, aí estava a crise, mas pronto, isso há de ter o seu fim e mais, a gente agora pertence a um clube rico não é (...)</p> <p>E2- (...) todos sentem precisamente a mesma coisa, a falta da vida ativa e como é que as pessoas tentam ocupar, com estas coisas, vamos encontrando aqui, vamos encontrando além, vamos falando um bocadinho sobre o tempo da vida ativa, sobre o passado, sobre o que é que vamos fazer para o futuro, quer dizer, as pessoas neste momento tentam, aliás, nós, sem procurarmos essa situação estamos a encontrar, estamos a encontrar e é uma forma de, sei lá, minimizar, uma forma também de ir ocupando os tempos (...)</p>	<p><i>adultos reformados facilitaria o diálogo social entre a dimensão pública das políticas sociais e o seu reflexo no quotidiano dos adultos mais velhos? Reflete uma forte crítica às mudanças sociais associadas às políticas públicas.</i></p> <p><i>Considera que o facto de não se manter uma atividade profissional condicionou totalmente a sua vivência atual e ainda continua agarrado às memórias e à identidade profissional nas relações sociais que mantém.</i></p> <p><i>Refere que não continuou a exercer uma atividade profissional depois da reforma</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>E2- Não me iria sentir bem, porque veja, eu tinha em casa, na altura, a ((filha)) no desemprego e disse “E pá, então mas eu vou tirar o lugar a alguém que possivelmente pode ganhar umas coroas” percebe, é um facto, agora, devido a toda a conjuntura, obrigou-me a dizer que não e a recuar, embora eu me sentisse bem e sentisse valorizado e sentia que era útil naquilo que fazia e naquilo que transmitia às outras pessoas mas, não me sinto bem perante a situação atual, percebe...(...)</p> <p>E2-(...) que isto sabe que depois as pessoas, nós com a idade, os defeitos ou as virtudes vão refinando e às vezes tivemos que gerir conflitos, a coisa não é...</p> <p>E2-(...) depois querem prevalecer, que aquilo que apontaram, às vezes, não gostam também que seja corrigido, ou que seja substituído, ou que seja modificado, ou que se tire daqui para por além, que se altere, percebe, isso, mas pronto, levou-se água ao moinho, conseguiu-se e a obra foi feita com o apoio da Junta(...)</p> <p>E2 – (...)ouve-se um bocadinho esse tipo de comentário, ouve-se, ouve-se, “Ah, tem uma boa reforma” não sabem quanto é que é a minha reforma, mas pronto, mas calculam...(...)</p> <p>E2 – É um gajo novo, podia ser útil, reformado e não sei o quê, percebe (...)</p> <p>E2- Sinto que (ham) às vezes não merecia isso, percebe, sinto às vezes que não merecia isso e isto porquê, porque (ham) se, naquilo que eu falei há</p>	<p><i>embora o desejasse e denota algum arrependimento e por isso maior dificuldade no processo de transição, porque sentiu que estava a retirar o emprego aos jovens. Receio do conflito entre gerações resultante do aumento do desemprego e a eventual retirada de oportunidade aos mais jovens pelos trabalhadores mais velhos?</i></p> <p><i>Considera que tem de gerir conflitos ao nível da sua rede social para permitir manter-se ativo e desenvolver atividades na comunidade depois da reforma, e por vezes não se sente disponível para isso. Procura na reforma uma maior serenidade e encontra-se já a distanciar-se da identidade profissional e da tensão que lhe estava associada?</i></p> <p><i>Será que foi o estigma social associado ao reformado, como inútil e não contributivo na sociedade que condicionou a sua intenção de manter uma atividade profissional mesmo após a reforma?</i></p> <p><i>O sentimento de inutilidade e de usufruir benefícios sociais que conquistou ao longo da vida de trabalho por parte do sujeito condiciona igualmente o usufruto do tempo da reforma. O peso do idadismo com tendência a</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>bocadinho, se eu tivesse ocupado ou outra situação, se calhar as pessoas “ E pá, o gajo até está ali ocupado, não sei o quê, até está ali ocupado em prol de nada.” (...)</p> <p>E2- (...) assusta-me se não ficar a perceber o porquê, a perceber o porquê, vou pesquisar, pronto, sinto que estou mais ou menos atualizado com as coisas que se passam ainda no sistema de ensino (...)</p> <p>E3 –Olhe, sabe, isto é tudo muito bonito quando eu estou e sou eu, se luto por uma causa, ou por uma coisa, eu faço, se mais ninguém fizer, e seja bem-vindo quem vier por bem, e como vê, vem sempre alguém, mas não consigo que venha toda a gente. Agora, meter-me numa argolada destas para deixar as colegas penduradas porque ficam com um projeto destes nas mãos o que é que lhe vão fazer, ou as crianças penduradas que se não integrarem o projeto, depois ninguém lhes envolve, eu não sou capaz de fazer isso (...)</p> <p>E3 (...) a terceira idade, que são o suporte ainda dos jovens (...)</p> <p>E3 – (...) nesta transição da vida ativa para esta vida de reformada, perdemos coisas, sim, contacto, convívio, responsabilidade, rotinas, horários (...)</p> <p>E3- (...) desencanta-me, realmente o inconformismo (ham) esta maioria silenciosa, isto angustia-me profundamente, porque estamos no mundo do salve-se quem puder e enquanto os outros estão massacrados, eu estou bem, esqueço-me é que tudo o que acontece</p>	<p><i>agravar com a situação de crise económica?</i></p> <p><i>Continua ainda muito ligado à profissão que exerceu como professor, será por isso que não consegue usufruir da reforma e projetar atividades que lhe tragam ganhos associados ao envelhecimento?</i></p> <p><i>Não se quer envolver em projetos depois da reforma para não defraudar a s expetativas dos pares, por se sentir condicionada pelas obrigações de suporte e apoio familiar.</i></p> <p><i>Os idosos são atualmente o suporte dos jovens face ao contexto social e cultural.</i></p> <p><i>Considera que teve muitas perdas associadas à reforma, o convívio a responsabilidade, as rotinas e os horários, será que as perdas estão a ser superior aos ganhos e estão a condicionar um envelhecimento bem sucedido? Apesar dos recursos individuais e a expetativa positiva na a preparação da reforma com a projeção de atividades as condicionantes sociais e económicas hipotecaram esse sucesso?</i></p>
--	--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>aos outros a mim também vem bater e isso angustia-me um pouco em relação ao futuro do país (...)</p> <p>E3- Enquanto trabalhei, uma pessoa sempre chega e conta uma história, da colega, do amigo, de alguém que encontrou na rua, agora, trancada aqui, de facto era terrível (...)</p> <p>E3 – Depois, não deu, não deu, o M₁ entretanto aqui não conseguiu colocação, acabou por concorrer e foi colocado em Lisboa e por lá está, a dinamizar grandes freguesias no centro de Lisboa (...)</p> <p>E3- (...) aquelas as limitações, sei lá, da falta de dinheiro para cumprir as obrigações, tem as limitações do horário do tempo, tem incompatibilidades no trabalho, tem os filhos a crescer, as adolescências, tem a juventude, tem os casamentos, tem os netos e tem mais um pai ou uma mãe, completamente em alteração e eu sem formação sobre isto, se não houver essas tais carrinhas que venham, que convivam, que façam a ponte entre as gerações, é muito complicado, porque, ninguém nasce ensinado, todo o mundo aprende a fazer, fazendo(...)</p>	<p><i>Refere o isolamento social e a falta de convívio com uma perda associada à reforma</i></p> <p><i>O projeto que delineou para a reforma também saiu defraudado devido a condições sociais pelo facto de o ter pensado com outra pessoa que ainda estando na vida ativa se ausentou para Lisboa para exercer a profissão.</i></p> <p><i>Coloca as necessidades da família em primeiro lugar e só depois as suas, a sua identidade social é mais forte que a sua identidade pessoal.</i></p>
		<p>Condicionantes da ordem da saúde</p>	<p>E1 – (...)e tenho uma coisa que me desgosta bastante, é este joelho que não me permite ir fazer umas grandes caminhadas, gostava de fazer, mas ando na fisioterapia, ando a ver se a coisa, pelo menos remedeio um pouco (...)</p> <p>E4 – (...)e eu também fui operada, faz agora um ano dia dois de agosto que eu fui operada (...)</p> <p>E4 – (...)já fui à consulta em outubro, fui operada em</p>	<p><i>As perdas ao nível da saúde poderão ser uma condicionante do bem-estar no período da reforma</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			agosto, fui em outubro à primeira consulta, fui em março, agora este ano e agora tenho outra para outubro, como vê vamos andando (...)	
	Contexto individual e coletivo	Recursos Individuais	<p>E1 (...)queria ver se tinha tempo para fazer mais alguma coisa, mas mais alguma coisa daqueles projetos que eu tenho, pessoais, não é em trabalho, não é para rendimento. Agora, o que me pretendo é sempre manter-me ocupado, minimamente ocupado para não chegar à ociosidade e para isso tenho a minha horta, e os meus pequenos projetos (...)</p> <p>E1- A minha vida é feita aqui, vou ao pão, venho e gosto é de estar aqui, estar sossegado, gosto, são os amigos que vêm, gostam de me gabar aqui a hortinha.</p> <p>E2 – Ia falar com o meu amigo também porque ele diz que quando se viu nesta situação (...)</p> <p>E2 – (...)eu daí para não sentir muito esta quebra, ainda colaborei quatro anos com a Adega na parte comercial, para não sentir muito...(…)</p> <p>E2 – (...) convivíamos os dois, íamos jantar os dois, etecetera. Entretanto lá, começaram a aparecer formações também no âmbito da disciplina, outros cursos, através da Universidade de Aveiro.</p> <p>Começamos a frequentar, havia sempre o interesse de conseguir algo mais(...)</p> <p>E2 – (...)eu não sou, não era, uma pessoa com um caráter muito forte, era bastante influenciável(...)</p> <p>E2 – Eu acho que sinto falta disso, mas pronto, vou fazendo eu. Como lhe digo, este livro das festas</p>	<p><i>Está a retirar partido dos recursos disponíveis no contexto espacial onde se movimenta, a horta e o local para onde mudou a residência, recebendo os amigos.</i></p> <p><i>Ocupa-se com a leitura, a horta e com os seus projetos. (Agency)</i></p> <p><i>Recorreu à rede social para partilhar as dificuldades associadas ao fim da vida ativa.</i></p> <p><i>Continuou ainda durante um tempo depois da reforma a exercer atividade profissional, foi por ter uma forte identidade profissional e ter optado pela reforma mesmo ainda se sentindo capaz de continuar a exercer as suas funções?</i></p> <p><i>Tem uma grande capacidade de empreender e de saber mais, podendo ser um recurso individual para otimizar, refere o seu interesse em pesquisar sobre as festas religiosas do concelho e demonstra resiliência que embora referindo dificuldades para editar um livro nesta área, pretende empreender esse projeto mesmo sozinho.(Agency)</i></p> <p><i>Pelo facto de ter trabalho desde muito cedo para ajudar a família forneceu-lhe recursos</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>religiosas abortou, se calhar eu vou fazê-lo sozinho. E3 – Mas acho que isso também tenho que agradecer à minha mãe, até isso ela me ensinou, a gostar de estar comigo, porque eu não gostava (...) E3 – (...)a minha filha ainda continua a precisar de mim, já tenho mais um neto, agora com três anitos, a minha neta já tem treze E3 – (...) entrei um pouco por energias alternativas, fiz Reiki, os três níveis de Reiki, tirei /biorgonomia/, e isso acho que também me ajudou imenso e que me dá um prazer incrível estar comigo, pronto (...) E4 – (...)fui um bocado sacrificada nessa parte, mas por isso eu nunca quis mal à minha mãe e aceitei, aceitava certas, outras não(...) Então, eu desde aí tenho sido...lutado pela vida, sempre lutei (ham) E4 - Mas, é destas coisas, eu, passei e ultrapassei estas coisas, tenho ultrapassado muita coisa (ham) eu tento e sei, eu sei que tenho um espírito muito forte(...) E4 - Olha, é um dia de cada dia, eu tenho esperança e tenho fé, isto está, eu vou muito para o positivo, isto vai tudo correr bem(...) E4 – (...) não é o ser inteligente, o tempo que a gente lida com as coisas e a experiência do trabalho e da vida, isso é que nos ensina (...) E4 – (...)sinto-me uma pessoa, eu sou tudo, agora felizmente ainda sou mais, já era, eu agora sou tudo, eu agora sou chamada para tudo(...) E4 – (...)eu tenho que saber ainda mais(...) (...)Mexer nos telefones, programar os telefones, por nomes,</p>	<p><i>individuais para obter ganhos ao longo da sua trajetória de vida.</i></p> <p><i>Refere que o facto d éter ficado isolada devido à doença da mãe enquanto esta esteve a seu cargo, recorreu a recursos individuais para ultrapassar esse constrangimentos. Apesar d não ter a mãe continua dependência dos restantes familiares, filha e netos, pelo que permanecem ainda muitas vezes sozinha, recorrendo a técnicas espirituais para manter o seu bem estar após a reforma.</i></p> <p><i>Considera-se forte e capacitada para ultrapassar dificuldades estruturais (Agency)</i></p> <p><i>Considera que a experiência de vida e as dificuldades que teve de ultrapassar ao longo da vida lhe deram mais capacidade para ultrapassar as perdas e transformá-las em ganhos.</i></p> <p><i>Foram os recursos individuais que possui que facilitaram a sua atual rede social.</i></p> <p><i>Mesmo com baixa escolaridade conseguiu adaptar-se aos novos contextos quotidianos, sociais e culturais.</i></p> <p><i>Considera-se persistente no sentido de ultrapassar eventuais dificuldades que se lhe deparam.</i></p> <p><i>A E4 também mudou de residência aquando a</i></p>
--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>quem é que me havia de dizer a mim que eu ia fazer isso? Nunca, antigamente é que se diz, se eu só tenho a quarta classe!(...)</p> <p>E4 – Eu enquanto não descobrir eu mato muito a cabeça, mas tenho que descobrir e eu acho que isso é positivo(...)</p> <p>E4 – E aprender cavaquinho, alguma vez na minha vida eu dizia que ia aprender a tocar cavaquinho?(...)</p> <p>E4 – Ter mais força para ir em frente, lutar, é isso que me faz viver é estas coisas assim(...)</p> <p>E4 – (...)eu gosto de falar, para mim é um sorriso na cara(...)</p> <p>E4 – Ó EN, gostava tanto de ter o seu espírito, cara a sorrir, o que é que você faz(...)</p> <p>E4 - Eu sozinha é fui eu mesmo própria sozinha é que me apoiei a mim própria que ninguém me apoiou.(...)</p> <p>E4 - Comecei a sair, não tinha ainda ginástica, comecei a sair sozinha. Não conhecia, ficava a conhecer. E depois andei, foi quando eu comecei a ouvir pessoas, às vezes falava com aquela(...)</p> <p>E4 - (...) eu é que comecei a andar a pé, ao Parchal, e pronto, Portimão, às vezes ia a pé também a Portimão, e pronto e comecei assim a conviver, a conviver (...)</p> <p>E4 - (...)era eu própria que sentia que eu não podia viver assim (...)</p> <p>E4 – (...)não gosto de falar nesses problemas porque a gente está sempre a renovar, a renovar, a renovar, a renovar e a gente enerva-se.</p> <p>E4 – Não quero, eu não quero falar em doenças nem</p>	<p><i>reforma, não se encontrando na sua terra de origem, e tentou não se isolar e começar a desenvolver atividades na comunidade para facilitar o convívio e a manutenção da atividade.</i></p> <p><i>Considera muito importante a rede social e manter-se ativa e a participar nas atividades da comunidade, participa nas aulas de cavaquinho e de ginástica e foi quando saía a pé para andar que foi desenvolvendo a sua rede social e participando das atividades da comunidade.</i></p> <p><i>Considera que as pessoas a valorizam por ser positiva e bem disposta, facto que a ajudou a ultrapassar as dificuldades.</i></p> <p><i>Considera que não podia viver sem conviver e fazer algo por isso procurou otimizar o seu tempo através de atividades na comunidade.</i></p> <p><i>Não quer interiorizar os problemas e por isso evita falar em coisas negativas, procura otimizar os ganhos para um envelhecimento bem sucedido num questionamento interior para procurar melhorar por si só o seu bem-estar após a reforma.</i></p> <p><i>É resiliente e demonstra capacidade de adaptação potenciando o seu papel na comunidade ao participar em diversas atividades lúdico-culturais e mantendo uma rede social onde se movimenta no seu</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>problemas porque não quero, sou eu mesmo que não quero, não quero e na minha casa só quando a coisa não (...)</p> <p>E4 – Naquela noite aceitei, estava um bocado em baixo, mas pus-me a pensar “Olha lá, se a minha casa é ali, tenho tudo o que é da minha casa, estou à minha vontade então venho para a casa dos outros dormir, então mas isto é o quê, afinal, espera que eu já te digo, amanhã já não venho”(…)</p>	<p><i>quotidiano.</i></p> <p><i>Quando se sentiu efetivamente que não estava a conseguir ultrapassar os constrangimentos associados à reforma refletiu e encontrou dentro de si recursos individuais, capacitando-se para lidar com situações mais difíceis, mesmo sozinha, como foi o caso da doença do marido e o facto de não ter a família junto dela.</i></p>
		Recursos da Comunidade	<p>E1 – (...)a ajuda do Centro de Saúde de Lagoa que tem sido excecional, pá (...)</p> <p>E1-(...) nós aqui estamos satisfeitiíssimos com o apoio que nos dão. Inclusivamente emprestaram-nos uma cama articulada (ham) e tínhamos também o apoio aqui da Junta de Freguesia de Ferragudo, como é que se chama? Apoio a idosos, não é?</p> <p>E2 – (...) depois vou reatando contactos com pessoas, foram aparecendo algumas ocupações, nomeadamente com a Universidade Sénior o que me satisfaz também minimamente, porque estou ligado também um bocado (...)</p> <p>E2- (...) conversávamos, íamos a um lado, íamos a outro, conversávamos sobre isto, o que é que vamos fazer, ele tem para lá um terreno, ele tem uma grande propriedade, o que é que vamos fazer, e andava a tentar, vá lá, minimizar as coisas(...)</p> <p>E3 –Nessa altura, a maior necessidade que eu tinha era de alguém que viesse cá tomar um chá com a minha mãe, porque às tantas, o facto de eu me ter dedicado a</p>	<p><i>Refere positivamente o apoio da comunidade, nomeadamente ao nível das respostas sociais do centro de saúde e da Junta de Freguesia e da Instituição local de apoio face ao seu papel de cuidador Os recurso da comunidade são importantes para minorar condicionantes de saúde ou socais .</i></p> <p><i>Refere a Universidade Sénior com um espaço onde encontrou uma forma de ocupar o tempo de forma positiva após a reforma, bem como o suporte da rede social de amigos que favorece um envelhecimento bem sucedido e como tal uma mais fácil transição da vida ativa para a reforma.</i></p> <p><i>Refere que quando se encontrava isolada em casa com a mãe em situação de debilidade mental, pelo que dependia muito da sua rede social que pontualmente a visitava para se poder alhear-se dessa situação, É importante a</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>ela, ela estava com indicadores de Alzheimer, portanto, não podíamos mesmo sair, ela recusava descer a escada (ham) era o isolamento dela que ficou meu (...)</p> <p>E4 – Ah, não, porque eu tenho medo depois falhar, mas pediram-me, pediram-me para eu andar nos quartos só para fazer rir (risos), pediram-me mesmo lá no hospital do Barlavento, disseram-me elas “porque é que a senhora não vem, nem que seja uma vez por semana”</p> <p>E4 - Não, não eu não aceitei, só o que disse, é que eu ía pensar, não, a qualquer momento a gente pode ir, mas eu também, o meu marido depois começou a piorar...(...)</p> <p>E4- (...)eu estou na ginástica, eu estou no computador, eu estou no cavaquinho, aquilo é, onde eu ando não me largam.(...)</p> <p>E4- O cavaquinho foi agora, a partir de janeiro, foi este ano, a partir de janeiro e, sei lá a ginástica há para aí quatro ou cinco anos, agora o computador há um ano (...)</p> <p>E4 - E fomos atuar no Pavilhão Arade e fomos atuar também, isso foi a primeira, ali para as crianças da Che Lagoense, foi as três atuações que a gente atuou (...)</p>	<p><i>comunidade desenvolver respostas para estas situações associadas aos cuidadores. Sentiu falta de apoio da comunidade na fase em que cuidava da mãe. Essa era a razão do seu isolamento.</i></p> <p><i>Foi convidada para praticar voluntariado no Hospital por ter uma capacidade de transmitir alegria aos outros, no entanto receia que o facto de ter de cuidar do marido e o envolvimento em mais atividades da comunidade o dificultem, condicionando as suas opções.</i></p> <p><i>Compensou a transição para a reforma com a participação em várias atividades da comunidade, como a informática, o cavaquinho e a ginástica que lhe facilitaram aceder a uma rede social de suporte que lhe facilita o convívio e a adaptação a este novo ciclo de vida.</i></p> <p><i>Considera que as atividades que desenvolve são facilitadoras de maior autoestima e de uma mais fácil adaptação à comunidade no processo de transição para a reforma.</i></p>
	Atividades depois da reforma	<p>E1- (...)tenho a minha horta feita ali em cima, as minhas rosas, estou a implementar a garagem (...)</p> <p>tenho lido, agora tenho lido bastante(...) continuo com os meus projetozitos (...)</p> <p>E1 (...)mas neste momento eu estou a fazer aquilo que</p>	<p><i>Como atividades depois da reforma dedica-se à agricultura, à leitura e tarefas de bricolage em casa e são tarefas que o compensam positivamente agora que está reformado.</i></p> <p><i>Projeta outras atividades e quer manter-se</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>quero, neste aspeto até me considero quase um felizado porque, relativamente bem, não tenho grandes problemas, (...)</p> <p>E2- (...) que ainda hoje faço é tentar não quebrar a rotina, que eu parava aqui todos os dias de manhã, deixei de fazer uns dias e senti-me extremamente mal, continuei a fazer e ainda hoje o faço.(...)</p> <p>E2- Depois, pronto, tentei arranjar algo, na altura para me ocupar o tempo, que tinha o tempo bastante ocupado na vida ativa, e tentei arranjar algo, de forma a colmatar, pronto, essa situação, embora, tenho que ser realista e tenho que dizer que não me satisfiz na totalidade porque, como disse também no outro dia, eu gostava imenso daquilo que fazia.</p> <p>E2- (...) tentei juntar-me com pessoas que estivessem na minha situação (...) conversávamos, íamos a um lado, íamos a outro, conversávamos sobre isto, o que é que vamos fazer.</p> <p>E2- É mais, vá lá, uma troca de ideias e pronto um intercâmbio salutar entre vivências que eu tive e que as pessoas têm e que, pronto, de certa forma me tem vindo a satisfazer ((Universidade Sénior)).</p> <p>E2- Outra grande ocupação, porque tento ocupar é na manutenção da casa(...) ou tentando procurar eventos e, uma coisa engraçada (...)</p> <p>E2- (...) ao <i>booking</i> e vejo Hotel Paraíso, vinte e dois euros e meio, olha, vamos lá ficar hoje, vamos jantar e vamos ouvir o M, sim senhor (...)</p> <p>E2 – (...) neste momento formamos um núcleo, claro</p>	<p><i>ativo e ocupado depois da reforma, prevendo-se uma transição positiva.</i></p> <p><i>Procurou refazer uma rotina diária compensatória à rotina que tinha na vida ativa, denota-se no entanto que ainda não encontrou um verdadeiro interesse que lhe traga mais ganhos que presas quando associa a vida atual à vida ativa. Trata-se de uma transição para a reforma menos positiva?</i></p> <p><i>Procurou suporte na rede social de amigos que eventualmente também estivessem reformados para conviver e também se aproximou da Universidade Sénior como professor, provavelmente por associar ao sistema de ensino onde exerceu a sua atividade profissional sobre a qual construiu a sua identidade pessoal.</i></p> <p><i>Também se dedica à manutenção da casa e a trabalhos de bricolage e valoriza o apoio da rede social e principalmente de um amigo que se encontrava na mesma situação que o ajudou a ultrapassar os constrangimentos iniciais.</i></p> <p><i>Considera muito positivo o seu envolvimento na Universidade Sénior, bem como a rede</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>que no sábado não dei lá um salto, aquilo normalmente é aos sábados e às quartas-feiras, um núcleo bastante grande de pessoas que já estão na minha situação e que, volvidos quarenta anos, voltaram-se a encontrar agora novamente, percebe, é interessante. Do que é que nos recordamos, recordamo-nos dos bailaricos que haviam aqui na Sociedade Artística Lagoense, no Sporting Clube Lagoense, porquê, porque são rapazes e raparigas, hoje homens e mulheres, já na mesma faixa etária, na mesma situação, quase todos no outro sábado que lá estivemos(...)</p> <p>E2- (...) outros, outro colega também na minha situação, ao que é que ele se dedicou, dedicou-se à fotografia, faz <i>n</i> fotografias, entra em concursos, ganhou alguns prémios, coloca <i>n</i> coisas na net, nomeadamente no facebook, tem uma grande visibilidade e diz ele “É uma forma que eu tenho de ir ocupando o tempo”(...)</p> <p>E2 – Eu tentei, como lhe disse ainda tentei fazer uma pós graduação, nomeadamente de segurança e higiene no trabalho que foi uma área que eu lecionei, também e, pronto, é uma área que me diz alguma coisa, portanto, fazia parte do currículo na minha atividade e pensei sinceramente (...)</p> <p>E2 – (...)houve uma empresa, que eu não me lembro do nome, tenho aqui no telemóvel o nome da empresa de facto, que me convidaram uma vez para ir fazer formação na área mas, naquele percurso que eu fiz logo a seguir, estive a trabalhar na parte comercial da</p>	<p><i>social que começou a criar depois da reforma, num outro contexto social. Está gradualmente a assumir novos modos de vida e a reconstruir uma nova identidade pessoal e social?</i></p> <p><i>Tem hoje uma rede social de amigos, um grupo de pessoas também reformadas com quem se identifica e convive, partilhando memórias do passado e refletindo sobre as dificuldades de cada um. Facilitou o facto de ser um interesse partilhado entre o casal? Será uma forma de compensar as perdas associadas à reforma?</i></p> <p><i>Refere experiências de outros amigos mas não dá enfoque a nenhuma atividade concreta que o realize após a reforma, será que ainda não descobriu um interesse que o preencha? Serão constrangimentos associados ao contexto social e cultural ou a sua capacidade de agency?</i></p>
--	--	---	---

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>Adega Cooperativa de Lagoa. (...)</p> <p>E2- (...)estou a custo zero a colaborar com a Universidade Sénior. (...)</p> <p>E2- (...)poderia efetivamente fazer se para isso fosse solicitado, percebe, só que as solicitações neste momento, a nível local pois aquilo que me vão pedindo eu vou colaborando....(...)</p> <p>E2 – (...)e eu disse-lhe, ao jantar, durante um dia, quando ele foi candidato à Assembleia Municipal eu aceitei de bom grado. Se me disser que foi uma experiência gratificante, não tanto assim.(...)</p> <p>E2 –Porque, sabe que nestas coisas, eu, não tenho partido, tenho a minha ideologia, como todos nós temos, não sou militante, nem quero ser, hoje então ainda menos, hoje então ainda menos, mas, ou seja, nós (ham) se queremos ser nós próprios, arranjam conflitos, percebe?</p> <p>E2 – Se me disser, se me convidarem novamente se calhar, até vou, se calhar até vou, pronto, porquê, uma forma de tentar, também ocupar, mexer, por a cabeça um bocadinho a trabalhar para os neurónios não pararem, porque às vezes sabe, o disco rígido está cheio há sempre espaço para mais alguma coisinha, percebe, e se isto passa a estar estagnado, é uma chatice. (...)</p> <p>E2 – (...)não é suficiente, porque é pouco, ali é uma hora por semana, pronto às vezes ocupamos mais, o ano passado, o ano passado, aliás, este ano letivo que terminou conseguimos trabalhar com o laboratório de</p>	<p><i>Procurou continuar a estudar a fazer uma pós-graduação após a reforma na área da higiene e segurança no trabalho e também lhe ofereceram a oportunidade como formador nessa área. Não aproveitou essa oportunidade devido a constrangimentos económico e pelo contexto social? Considerou que não deveria investir mais na sua formação por ter chegado ao final da sua vida ativa e conseqüentemente da sua utilidade?</i></p> <p><i>Parece-nos importante as condicionantes económicas e a pressão social da família que não valoriza o desenvolvimento de atividades voluntárias. Conotação negativa quando o sujeito deixa de produzir para a comunidade. Ativo associado a produtivo.</i></p> <p><i>Considera que se lhe dessem oportunidade colaboraria mais na comunidade, ainda não encontrou algo que vá ao seu interesse na comunidade e que facilitasse a sua transição para a reforma.</i></p> <p><i>Participou na Assembleia Municipal mas não achou gratificante o exercício dessa função porque se sentia constrangido a exercer a sua cidadania de forma autónoma, sem que tal</i></p>
--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>fotografia da minha antiga escola (...)</p> <p>E2- (...)aquilo começa a criar, portanto, um bichinho e as pessoas necessitam, para já, de muito mais tempo, não é, mas se disser que é suficiente, não é, não é, vou ocupando, quando posso, (...) mas gostaria, efetivamente de ser mais útil, nomeadamente no meu concelho (...)</p> <p>E2- (...)noutro lado, na Universidade Sénior, o ano passado, fizemos, editamos três obrazinhas pequeninas, mas cheias de simbolismo (ham) (...)</p> <p>E2- (...)Começamos a recolher materiais na área da olaria, não sei se sabe (ham) Lagoa foi uma terra de oleiros, havia muitas, muitas olarias.(...)</p> <p>E2 – (...)foi “Lagoa, nossa identidade” um trabalho sobre vivências nos anos quarenta, cinquenta e sessenta.(...)</p> <p>E2 – Foram os três, e o outro... isto dá-me assim umas brancas de vez em quando. O outro o que é que foi? E pá, foi olaria...(...)</p> <p>E2 – (...)esses trabalhos fizemos nós, com o apoio da Junta de Freguesia, que fez três trabalhos, dois pequeninos, um, o “Lagoa, nossa identidade” maiorzinho, e pá, são coisas pequenas mas estão carregadas de simbolismo e....(...)</p> <p>E2 – (...)este ano eu tinha ideias de fazer um pequeno livro, na área, só que não houve tempo para isso, que era as festas religiosas no concelho de Lagoa, existiam <i>n</i> festas no concelho de Lagoa antigamente, portanto, a diversão era mais do que hoje, não é, e com, acho que</p>	<p><i>favorecesse o conflito entre os pares. Será porque se sente mais vulnerável porque ainda não (re)construiu a sua identidade após a reforma?</i></p> <p><i>Mas não quer de participar sempre que lhe propõem algum projeto porque se quer manter ativo e ocupado, sente-se ainda muito útil e capaz para colaborar na comunidade (agency).</i></p> <p><i>Fala da sua experiência da Universidade Sénior onde tem aproveitado os conhecimentos e os seus interesses, a fotografia e a edição de livros sobre a história e o património cultural do concelho.</i></p> <p><i>Sente-se mais insatisfeito com a reforma pelo facto de não haver uma verdadeira valorização social desta sua nova ocupação ou porque ele próprio ainda está num processo de reconstrução social da sua identidade pessoal e social?</i></p>
--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>muita gente desconhece as festas que existiam e porque é que existiam(...)</p> <p>E2 – (...)acho que é bom transmitir a estas gerações mais novas e lembrar os mais velhos do que é que foi o nosso concelho, percebe, e é isso que me dá prazer de fazer (...)</p> <p>E2- (...)foi a comemoração dos duzentos e oitenta e nove anos de elevação a concelho, que eu comemorei com uma série de trabalhos de uma exposição da Vindima e o Vinho(...) reunimos algumas vezes no Convento de São José a trabalhar sobre essa temática. Se disser que isso é enriquecedor, é.</p> <p>E2- (...)eu gostei na altura, todos os dias que fomos ali, que foram alguns, um falava sobre uma coisa, um apresentava isto, outro apresentava aquilo, materiais, uma riqueza extraordinária. Agora, parece que vai sair um livro, acho que M o está a elaborar, com fotografias dessas, que era o concelho de Lagoa antes(...)</p> <p>E3- (...) mas era mais no sentido de abrir portas e ser o aval e garante de que o projeto ia avante. Se a M falhasse alguém tinha de cobrir a retaguarda, não podíamos deixar as crianças penduradas. E conseguimos, realmente um trabalho fantástico, com o apoio da Câmara, na altura o Dr. José Inácio ainda era Vereador da Educação, com estágios aí nas oficinas da Câmara...(...)</p> <p>E3 – Mas como é que eu ia ter tempo para pensar em alguma coisa, só se fosse para me frustrar, mas</p>	<p><i>O facto de se sentir útil e valorizado pelos novos papéis sociais que assume na reforma, facilita o processo de transição para a reforma.</i></p> <p><i>Verifica-se que o seu envolvimento na edição de vários livros no âmbito da sua atividade na Universidade Sénior foram compensatórios, no entanto será o facto de ainda não ter aceitado a mudança para um novo ciclo identitário que lhe dificulta a transição para a reforma e uma maior satisfação em relação a este período da vida?</i></p> <p><i>Considera ser o seu interesse a oportunidade de promover trabalhos que valorizem a</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>também, neste momento não tenho muita paciência para coisas muito enquadradas, eu sou vadia, sou mais Agostinho da Silva.(...)</p> <p>E3 – Claro que estive na conceção do projeto, claro que estive nos contatos todos, na organização, na constituição das turmas, tudo... no trazer os professores à escola, apresentar os professores à escola, integrar os professores no processo (ham), o maestro aí do coro das Ideias esteve aqui com os meninos de cinco anos a dar educação musical (...)</p> <p>E3 – (...) a minha vida resumia-se a mails, eventualmente uma conversazinha no Messenger, mas muito raro (...)</p> <p>E3- (...) sonhamos e conseguimos implementar ao longo de um ano um projeto ali de prolongamento de horário, para os meninos do primeiro e segundo ano, que tinha a ver com crianças a brincar (...)</p> <p>E3-(...) eu não assegurei nenhum ateliê, mas ficava para substituir sempre que algum dos monitores não pudesse estar presente e ainda fui praticar algumas vezes essa atividade e nessa altura(...)</p> <p>E3-(...) incondicionalmente tenho sempre que ir a Silves, ou para ver a mãe, que vejo, dia sim, dia não, não vou todos os dias para não dar aquela sensação de que tenho todo o tempo do mundo, tenho que também mostrar que estou ocupada com outras, coisas, porque senão não tem motivo nenhum para ela estar lá e não estar cá.(...)</p> <p>E3- Tenho que ir buscar um à creche, tratar do outro,</p>	<p><i>história, a cultura e a identidade local da terra onde nasceu, cresceu, trabalhou e agora permanece após a reforma. O facto de ter permanecido ligado ao seu local de origem onde se desenrolou grande parte da sua trajetória de vida é-lhe mais difícil encontrar recursos na comunidade que o satisfaçam?</i></p> <p><i>Valoriza os encontros/ tertúlias culturais promovidos pela autarquia no âmbito da sua contribuição num evento da Câmara Municipal. Demonstra disponibilidade em continuar a colaborar com as autarquias e outras instituições neste tipo de atividades. De facto os recursos da comunidade são importantes para compensar eventuais recursos individuais e contextos menos favoráveis na transição da vida ativa para a reforma.</i></p> <p><i>Fala com orgulho de um projeto comunitário que desenvolveu para as crianças usufruindo de recursos da comunidade disponibilizados pela autarquia, mas acaba por dizer que atualmente já não se sente capacitada para se envolver novamente numa atividade tão estruturada. Será que perdeu a capacidade criativa de ultrapassar os contextos sociais e económicos menos favoráveis na sua trajetória de vida?</i></p> <p><i>Refere um projeto que esteja envolvida no âmbito o prolongamento de horário no</i></p>
--	--	--	--	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>visitar a mãe e depois ficar à espera que a filha chegue do trabalho, tanto pode ser às oito, como às nove, como às dez, às onze, dependendo se tem ou não tem reuniões (ham) nunca sei a que horas chego a casa</p> <p>E4- (...), se eu não tivesse as atividades, que tenho, eu era vira o disco e toca o mesmo, eu era limpa esta, depois vou limpar aquela, vou limpar aquela, vou limpar o quarto, vou limpar a casa de banho, limpar a casa de banho, limpar esta, limpar aquela, quer dizer, segunda-feira para aqui, para a semana... quer dizer, andava nesta ... eu andava porque eu sempre gostei de limpar e então, o que é que estou fazendo aqui?</p> <p>E4 –Ginástica, computador e cavaquinho. Ah e é a minha limpeza da casa, normalmente passar a ferro, lavar, agora também trato do quintal que o meu marido já não pode (...)</p>	<p><i>primeiro ciclo com uma Associação Cultural local, do qual fala com muito entusiasmo, mas no final da sua narrativa acaba por afirmar de que tal agora seria difícil pelas condições estruturais que condicionam a sua ação, nomeadamente o papel de suporte que presta à família, mãe, filha e netos.</i></p> <p><i>Denota alguma culpa por não estar atualmente a desenvolver nenhuma atividade e estar a mãe no Lar, denota-se de facto uma forte identidade familiar que condiciona a sua capacidade de agency de forma menos positiva.</i></p> <p><i>O seu quotidiano após a reforma é condicionado pela estrutura familiar, não tem espaço para (re)criar a sua própria identidade pessoal.</i></p> <p><i>Pelo contrário, procura ocupar-se numa diversidade de atividades da comunidade para intensificar a sua rede social e não se deixar isolar e deprimir após a reforma/capacidade de agency</i></p>
		Propostas de intervenção	<p>E2 - Podia ter um museu, sei lá, um museu agrícola, ou um museu vinícola, podia ter.(...) (...)nós, aqui em Lagoa, foi um concelho vinícola por excelência. Há alguma coisa que informe as pessoas? Foi uma terra, um concelho vinícola, nada, por exemplo, Carvoeiro foi uma terra piscatória, sempre, até o aparecimento do</p>	<p><i>Refere como propostas de intervenção a criação de um museu agrícola ou vinícola que valorize o património da terra, não se importante de desenvolver um projeto desse género mesmo que fosse voluntariamente.</i></p>

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

			<p>turismo desenfreado, há alguma coisa, alguma pequena obra que, que o visitante chegue lá e diga “ Olhe, isto foi uma terra piscatória” Não, como nos outros sítios. Pronto, são coisas que se efetivamente pedissem colaboração eu colaborava de bom grado, a custo zero, como estou a colaborar com a Universidade Sénior (...)</p> <p>E2- (...)aparece-se algum local, não sei, dinamizado pela autarquia, ou sem ser dinamizado pela autarquia, ou a Junta de Freguesia, e pá, em que se pudesse arranjar uma equipa para trabalhar, acho que seria muito útil nisso, embora eu lamente neste momento, isto é um lamento que eu tenho, mas pronto, também não pode passar disso, acho que Lagoa devia ter, o que é que Lagoa foi?</p> <p>E2 – Agora pergunto, será, será que a autarquia não podia promover um género de um ateliê para trabalhar sobre várias temáticas relacionadas com o concelho de Lagoa?!...Acho que sim, e será que não se conseguia (ham) reunir pessoas, um conjunto de pessoas, uma vez por semana, duas vezes por semana para trabalhar com essa gente e recolher informação.(...)</p> <p>E2- (...) eu acho que, se não houver nenhum dinamismo ou algo, isto, quer queiramos, quer não, tem de partir de quem governa, não são pessoas anónimas que se vão encontrar no café e vão tentar falar sobre isto ou sobre aquilo, as pessoas falam, arranjam tertúlias, agora eu acho que a autarquia podia tentar dinamizar uma coisa dessas, percebe, liderada por alguém, um funcionário, pessoas, não sei, alguém</p>	<p><i>Considera que deveriam ser criadas condições pelas autarquias locais para a criação de um Grupo de pessoas do concelho que dinamizasse atividades de valorização cultural do concelho, através da dinamização de um atelier criando um núcleo local que promovesse ações diversas nesse âmbito com o apoio logístico e financeiro de uma entidade publica.</i></p> <p><i>Considera que tem de partir dos decisores políticos a promoção de atividades que valorizem as pessoas que se encontram ainda com capacidade de participar e colaborar na comunidade. As autarquias têm mais capacidade de recursos para promover este tipo de ações do que qualquer outra entidade, estão próximo das pessoas e têm os meios humanos e financeiros.</i></p>
--	--	--	---	--

Matriz de Análise de Conteúdo de Entrevistas de Episódio em profundidade: Relatos de Vida

		<p>de direito (...)</p> <p>E2- (...)e eu acho que é uma das formas de e que as pessoas que nós encontramos por aí, que se, através do boca a boca, as pessoas colaboravam, colaboravam, não tenho dúvidas nenhuma, e se calhar as pessoas sentiam-se minimamente realizadas e uteis.(...)</p> <p>E2 – (...)através de um núcleo, sei lá, maior ou menor, consegue-se muito mais informação.(...)</p>	<p><i>Consideram que facilmente se mobilizam uma rede local de pessoas disponíveis para colaborar, caso houvesse mobilização por parte da autarquia.</i></p>
--	--	--	--